

SANDRA OLIVEIRA GOMES

**ESTILOS, PRÁTICAS PARENTAIS E PERCEÇÃO DAS
CAPACIDADES E DIFICULDADES DOS FILHOS: UM
ESTUDO EXPLORATÓRIO NA POPULAÇÃO GERAL**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2017

SANDRA OLIVEIRA GOMES

**ESTILOS, PRÁTICAS PARENTAIS E PERCEÇÃO DAS
CAPACIDADES E DIFICULDADES DOS FILHOS: UM
ESTUDO EXPLORATÓRIO NA POPULAÇÃO GERAL**

Mestrado em Psicologia Da Educação

**Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professora Doutora Cristina Nunes**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2017

**Estilos, práticas parentais e percepção das capacidades e dificuldades
dos filhos: Um estudo exploratório na população geral**

Declaração de Autoria do trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura:

Sandra Gomes

Copyright em nome de Sandra Gomes

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

Aos meus pais e à minha irmã pelo apoio e incentivo, que sempre me deram força e confiança para continuar e nunca me deixaram desistir.

À professora Doutora Cristina Nunes, pela disponibilidade que sempre mostrou e pelas orientações essenciais concedidas na realização deste trabalho.

Aos meus amigos, mas em especial à Micaela e à Fátima, pelo apoio, não só nestes últimos meses, mas nos últimos anos, sem vós não teria sido o percurso fantástico que foi.

Aos pais das crianças que participaram no estudo, sem os quais não teria sido possível a realização deste trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, expresso o meu sincero obrigado.

Resumo

Os estilos, as práticas parentais e as suas relações com o ajustamento psicossocial das crianças têm sido amplamente estudadas para compreender o impacto da relação pais-filhos no seu desenvolvimento. O objetivo da presente investigação foi estudar os estilos e práticas parentais e como estes se relacionam com a perceção das capacidades e dificuldades dos filhos, tendo em consideração diversas variáveis.

No estudo participaram 152 pais e mães (80 mães e 72 pais) que completaram vários questionários: um sobre os estilos e dimensões parentais, outro sobre as capacidades e dificuldades dos filhos e um questionário sobre os dados sociodemográficos.

Os resultados obtidos na presente investigação mostraram que o estilo firme foi o mais usado, tanto pelas mães como pelos pais, e que os estilos parentais usados variaram consoante o nível de escolaridade dos pais (pais com nível de escolaridade superior tendiam a usar mais o estilo firme) e a idade dos filhos (o estilo autoritário é mais usado nos filhos mais novos).

Em relação às dificuldades e capacidades dos filhos, encontrámos que os pais percecionaram os filhos como ajustados psicologicamente e que esta perceção variou consoante o nível de escolaridade dos pais (pais com o nível de escolaridade básico percecionam os filhos como tendo mais problemas com os pares e mais problemas no geral), com a idade dos filhos (os filhos mais novos são percecionados como tendo mais comportamentos hiperativos e mais dificuldades no geral e os mais velhos como tendo mais comportamentos pró-sociais) e o sexo dos filhos (os pais percecionaram os filhos como tendo mais comportamentos hiperativos e mais dificuldades no geral do que as filhas). Verificou-se também que existe uma relação entre os estilos parentais e o nível de dificuldades que é percecionado pelos pais, sendo que o comportamento pró-social e os problemas com colegas foi relacionado com o estilo firme e permissivo e os problemas de comportamento e a hiperatividade com todos os estilos parentais.

O ajustamento psicológico das crianças pode ser explicado com uma variância de 26% quando são incluídos os estilos parentais, variáveis associadas à crianças (idade e sexo) e variáveis sociodemográficas dos pais (nível de escolaridade).

Os resultados obtidos no estudo vão contribuir para uma melhor compreensão das dinâmicas familiares, na área da parentalidade, com pistas para a realização de

novas investigações e de modo a contribuir para uma prática preventiva e interventiva com os pais e seus filhos.

Palavras-chave: Parentalidade, Estilos parentais, Práticas parentais, Ajustamento psicológico infantil.

Abstract

Parental styles and practices and their relationships to children psychological adjustment have been extensively studied to understand the impact of the parent-child relationship on child development. The aim of the present research was to study parental styles and practices and how these relate to the perception of the children's capacities and difficulties, taking into account several variables.

This study involved 152 fathers and mothers (80 mothers and 72 fathers) who completed several questionnaires: one on parental styles and dimensions, another regarding children's abilities and difficulties, and a questionnaire on sociodemographic data.

The results obtained in the present study showed that the authoritative style was the most used, both by mothers and fathers, and that the parental style used varied according to the academic level of the parents (parents with higher level of education tended to use more authoritative styles) and the children age (authoritarian style is more used in younger children).

Regarding the children difficulties and capacities, we observed that parents perceived the children as psychologically adjusted and that this perception varied according to the parents academic level (parents with basic level of education perceived the children as having more problems with peers and in general), with children age (the youngest children were perceived as having more hyperactive behaviors and more difficulties in general and older children as having more pro-social behavior) and the children sex (parents perceived the sons, in comparison to daughters, as having more hyperactive behaviors and more difficulties overall). It was also observed a relation between parental styles and level of difficulties that is perceived by parents, being that the pro-social behavior and peer problems were related to authoritative and permissive style, and problems of behavior, hyperactivity and total SDQ with all parental styles.

When performing the linear regression model, it was observed that the children's psychological adjustment can be explained with 26% variance when was included parental styles, variables associated with children (age and sex) and sociodemographic variables of the parents (education level).

The results obtained in the study will contribute to a better understanding of family dynamics in the area of parenting, with clues for new research and in order to contribute to a preventive and interventional practice with parents and their children.

Key-Words: Parenting, Parental styles, Parental practices, Child psychological adjustment.

Índice

Introdução	1
PARTE I – Revisão da Literatura.....	3
Capítulo 1 – O papel e funções da família no desenvolvimento e educação infantil ...	3
Capítulo 2 – Práticas e estilos parentais. Definição de conceitos e modelos teóricos..	7
Capítulo 3 – Variabilidade nos estilos parentais e práticas parentais	12
Capítulo 4 – Como é que os estilos parentais influenciam o ajustamento psicológico dos filhos?	15
PARTE II – Estudo Empírico.....	21
Capítulo 1 – Objetivos da Investigação	21
Capítulo 2 – Método	22
Participantes	22
Instrumentos	23
Procedimento	26
Capítulo 3 – Resultados	27
Capítulo 4 – Discussão	36
Conclusões.....	45
Referências Bibliográficas.....	48

Índice da Tabelas

Tabela 1: Tipologia dos estilos parentais segundo Maccoby e Martin (1983).....	10
Tabela 2: Dimensões que influenciam a dinâmica familiar, segundo Ingberman (2001).....	13
Tabela 3: Idade Cronológica dos pais e mães entrevistados.....	20
Tabela 4: Estatísticas descritivas dos estilos e dimensões parentais.....	26
Tabela 5: Comparação dos estilos parentais segundo o nível de escolaridade dos pais..	26
Tabela 6: Comparação dos estilos parentais segundo o sexo dos filhos.....	27
Tabela 7: Comparação dos estilos parentais segundo a idade agrupada dos filhos.....	27
Tabela 8: Comparação do estilo autoritário, firme e permissivo entre pais e mães.....	28
Tabela 9: Resultados do questionário de Capacidades e Dificuldades.....	29
Tabela 10: Comparação das capacidades e dificuldades de acordo com o sexo dos filhos.....	29
Tabela 11: Comparação das capacidades e dificuldades de acordo com a idade dos filhos.....	30
Tabela 12: Comparação das capacidades e dificuldades de acordo com o nível de escolaridade dos pais.....	30
Tabela 13: Comparação entre pais e mães quanto à sua percepção das capacidades e dificuldades dos filhos.....	31
Tabela 14: Relações entre os estilos parentais e as capacidades e dificuldades dos filhos.....	32
Tabela 15: Análise de regressão dos estilos parentais, variáveis sociodemográficas e ajustamento psicológico dos filhos.....	34

Índice de Figuras

Figura 1: Dimensões da parentalidade, adaptado de Hoghughi (2004).....	4
Figura 2: Modelo integrativo de Darling e Steinberg (1993).....	12
Figura 3: Habilitações literárias dos participantes.....	21

Introdução

O funcionamento da família e o seu impacto sobre o desenvolvimento infantil é um domínio que vem sendo cada vez mais estudado pela Psicologia da educação e do desenvolvimento e de enorme importância para se poder delinear intervenções psicoeducativas eficazes (Teixeira & Lopes, 2005).

A família é a primeira etapa de socialização da criança e é o contexto educativo onde esta assimila as normas, valores sociais e morais. Deste modo, é considerada o pilar de aprendizagem que vai ajudar a criança no processo de desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor e afetivo (Goleman, 1995) e predizem o seu bem-estar em domínios como a competência social, o desempenho académico, o desenvolvimento psicossocial e os problemas comportamentais (McLloyd & Wilson, 1992). Assim, a relação pais-criança, que se estabelece desde a infância, ocupa um aspeto central no desenvolvimento saudável da criança (Bronte-Tikew, Moore & Carrano, 2006).

Nesse sentido, os estilos, as práticas parentais e as suas relações com o ajustamento psicossocial das crianças têm sido amplamente estudadas para compreender o impacto da relação pais-filhos no desenvolvimento (Darling & Steinberg, 1993; Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbush, 1991; Pacheco, Teixeira & Gomes, 1999; Reppold, 2001).

O estudo dos estilos parentais é importante a dois níveis, primeiro porque pode ajudar os pais no modo como estes disciplinam os filhos e como se relacionam com estes de modo a proporcionar um bom ajustamento psicológico; mas também para os profissionais da área, de modo a conseguirem intervir do modo mais positivo com as famílias e ajudá-los a atingir os seus objetivos.

Tendo em consideração a literatura revista, na presente investigação pareceu pertinente analisar os estilos parentais adotados na população portuguesa, tanto pelos pais como pelas mães, como estes diferem em relação a algumas variáveis (sexo e idade dos filhos e nível de escolaridade dos pais) e as suas relações com as capacidades e dificuldades dos filhos ao nível dos sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas com pares e comportamento pró-social.

O presente trabalho está dividido em duas partes, sendo a primeira focada na revisão da literatura, que inclui quatro capítulos, e a segunda parte na descrição do estudo empírico, que está dividida também em quatro capítulos.

Na parte um, no primeiro capítulo é explicado a importância que a família e a parentalidade têm no desenvolvimento dos filhos, apresentando uma breve explicação do modelo da parentalidade de Hogue (2004), que realça os vários componentes da parentalidade. O segundo capítulo foi destinado para a distinção entre estilo e prática parental, que apesar de serem constructos que se relacionam entre si, é importante que se distinguem e para a exposição dos vários modelos sobre os estilos e práticas parentais, que inclui o modelo de Baumrind (1966), o modelo de Maccoby e Martin (1983) e o modelo integrativo de Darling e Steinberg (1993). O quarto capítulo reflete sobre como é que os estilos parentais podem variar consoante diferentes dimensões da parentalidade e algumas variáveis, como o sexo dos pais e o nível de escolaridade destes. Por fim, o último capítulo do enquadramento teórico, diz respeito aos estudos que já foram realizados nesta área, que mostram como os estilos parentais têm uma grande influência nos comportamentos atuais e futuros dos filhos, ou seja, como estes influenciam o ajustamento psicológico das crianças.

Na parte dois da investigação, o primeiro capítulo realiza uma caracterização da mesma descrevendo os objetivos gerais e específicos; o segundo capítulo diz respeito ao método e inclui a caracterização dos participantes da amostra, os instrumentos utilizados e o procedimento utilizado para a recolha e análise dos dados; o terceiro capítulo apresenta os resultados, onde se podem verificar quais os estilos parentais usados pela amostra, quais as capacidades ou dificuldades que foram mais e menos percebidas pelos pais e relação entre ambos e suas possíveis relações; o quarto capítulo são discutidos os resultados obtidos tendo em consideração os objetivos previamente delineados e os resultados obtidos em investigações anteriores. Por fim, a conclusão apresenta as limitações do estudo e pareceres para futuras investigações.

PARTE I – Revisão da Literatura

Capítulo 1 – O papel e funções da família no desenvolvimento e educação infantil

A família tem um papel muito importante no desenvolvimento e educação da criança. Segundo Shaffer (2005) a família é um sistema permeável que é influenciado pelo contexto e pela organização desta, sendo que cada família apresenta um dinamismo específico que determina os níveis de autonomia e individualidade. Deste modo, os pais influenciam o desenvolvimento dos filhos, mas também estes vão influenciar as práticas educacionais e comportamentos dos pais.

De acordo com Palácios e Rodrigo (1998) a família apresenta algumas funções que são essenciais no processo de desenvolvimento dos filhos, nomeadamente, a promoção de cenários que possibilitam aos filhos a construção da sua identidade adulta, com uma determinada autoestima e sentido de si mesmo; devem proporcionar situações em que aprendam a enfrentar desafios e a assumir responsabilidades e compromissos, orientando-os na direção de uma dimensão produtiva, com realizações e projetos integrados no meio social; e a formação de uma rede de apoio social para as diversas transições importantes que os filhos deverão realizar.

Assim, é possível definir a família como sendo um núcleo que facilita e promove o desenvolvimento da criança, pois as pessoas que a constituem partilham um projeto em comum, em que se geram fortes sentimentos de pertença e um compromisso pessoal entre os seus membros. Deste modo, vão-se estabelecer relações de intimidade fortes, de reciprocidade e de dependência (Palácios & Rodrigo, 1998).

Hoghugh (2004) define a parentalidade como o conjunto de atividades realizadas propositadamente pelos pais, no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança e cujo objetivo é torná-la progressivamente mais autónoma. O autor propôs um modelo integrativo dos elementos da parentalidade, baseado nos resultados das suas investigações e nas propostas de Bronfenbrenner (1979) e de Belsky (1984), em que defende a existência de onze dimensões da parentalidade e fornece uma grelha de avaliação de modo a determinar as capacidades e competências parentais e avaliar as práticas parentais.

Segundo este modelo (Figura 1), a parentalidade divide-se em atividades

parentais (conjunto de atividades necessárias para uma parentalidade adequada), áreas funcionais (principais aspetos do funcionamento da criança) e pré-requisitos (conjunto de fatores necessários para o desenvolvimento da atividade parental).

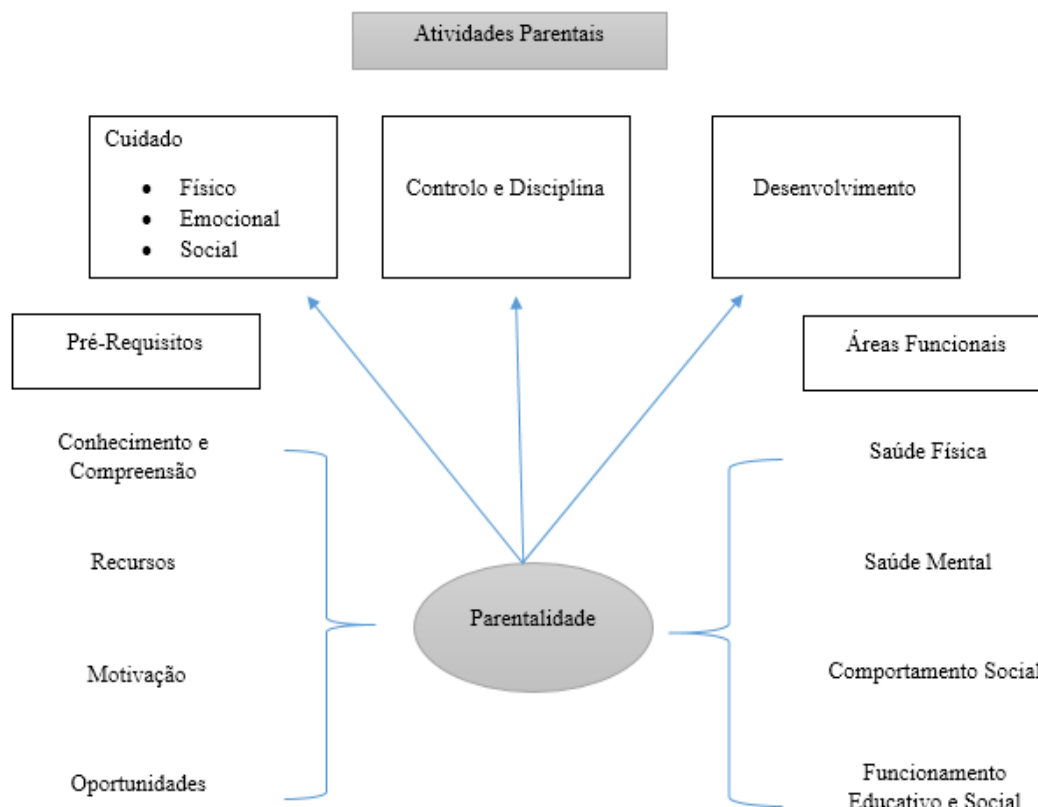


Figura 1. Dimensões da parentalidade, adaptado de Hoghughi (2004).

Em relação às atividades parentais estão incluídas dimensões como o cuidado, a disciplina e o desenvolvimento. Segundo o autor, os objetivos dos pais são assegurar a prevenção de adversidades que possam fazer sofrer a criança e promover situações positivas que a ajudam ao longo da vida (Hoghughi, 2004), garantindo a satisfação das necessidades de sobrevivências dos seus filhos (Bradley, 2007; Maccoby, 2000). No que diz respeito ao cuidado físico, os pais devem garantir ao filho a alimentação, proteção, vestuário, higiene, hábitos de sono e precaução de acidentes ou de doenças ou tomada de decisões rápidas para a resolução de situações (Reader, Duncan & Lucey, 2005). Nos cuidados emocionais estão inseridos os comportamentos e atitudes que asseguram o respeito pela criança, a sua perceção de ser estimado e oportunidades para que possa gerir riscos e fazer as suas escolhas. Deste modo, forma-se uma interação positiva, consistente e estável entre a criança e o ambiente, o que por sua vez vai facilitar uma vinculação segura com os pais (O'Connor, 2006). Os cuidados sociais têm

como objetivo garantir que a criança não seja isolada dos seus pares ou adultos significativos no decorrer do seu desenvolvimento (Hoghughi, 2004).

A dimensão controlo e disciplina é composta por uma série de atividades relacionadas com a imposição de limites à criança, que inclui todas as atividades que os pais realizam desde o nascimento, que promove a realização de determinadas atividades, supervisão do desempenho e assegura que os comportamentos das crianças permanecem adequados (Hoghughi, 2004).

As atividades de desenvolvimento são definidas pelos desejos parentais de que a criança realize todo o seu potencial em todas as áreas de funcionamento, contudo estas não são consideradas atividades essenciais para a sobrevivência da criança ou para o funcionamento social, como os cuidados e a situação de controlo, respetivamente. Contudo, são atividades importantes para desenvolver valores como a tolerância, honestidade, coragem e respeito, entre outros (Bradley, 2007).

No modelo apresentado, nas áreas funcionais estão envolvidos elementos que se prendem com aspetos do funcionamento da criança que requerem a atenção dos pais, que inclui dimensões como a saúde física, saúde mental, comportamento social e funcionamento educativo e social (Hoghughi, 2004).

- Saúde física: relaciona-se com o estado de saúde físico da criança, as suas necessidades de sobrevivência e otimização do seu bem-estar. O foco da atenção parental é direcionado para a prevenção dos danos e o fornecimento de oportunidades para um crescimento positivo.
- Saúde mental: as práticas educativas dos pais vão ter um impacto significativo na resiliência da criança, o que vai influenciar questões clínicas, como o caso de depressões e problemas de comportamento.
- Comportamento social: os pais devem facilitar o desenvolvimento social infantil, sendo que para tal é necessário desenvolver competências de resposta adequadas nos relacionamentos sociais, o reconhecimento e a internalização das normas culturais e legais.
- Funcionamento educativo e social: os pais devem fornecer tarefas potenciadoras de um bom funcionamento intelectual, sendo que para tal devem realizar atividades que ajudam as crianças na aquisição de

conteúdos académicos e potenciar as competências educacionais, de trabalho e de resolução de problemas dos seus filhos.

No modelo de Hoghughi (2004) estão inseridos também os pré-requisitos necessários para o desenvolvimento da atividade parental, que inclui dimensões como o conhecimento e compreensão, motivação, recursos e oportunidades.

No que diz respeito ao conhecimento e compreensão, estão inseridas competências parentais para reconhecer as necessidades dos seus filhos ao longo do ciclo de vida, que vai desde a deteção de um problema na criança até ao aconselhamento ou estímulo positivo. Segundo Hoghughi (2004), estas duas dimensões são pontos de partida importantes para que exista um processo parental efetivo, que envolve o reconhecimento do estado afetivo da criança, uma interpretação adequada e consequentemente responder de modo ajustado. Estes dois pré-requisitos estão ligados à motivação, na medida em que tanto o conhecimento como a compreensão, por si só, poderão não ser produtivo se não forem traduzidos em ação. Desde modo, a motivação diz respeito aos desejos e compromissos dos pais em canalizar os esforços necessários para manter e melhorar as condições de socialização da criança.

Em relação aos recursos como um dos pré-requisitos para um bom desempenho da atividade parental, Hoghughi (2004) refere a importância das qualidades parentais (abordagem interativa com a criança, sublinhando-se eventuais traços de personalidade na manifestação deste comportamento); das competências parentais (adquiridas de modo formal, através de programas parentais e informal, recebidas, por exemplo, pelas suas próprias experiências ou observando outros pais); das redes sociais (presença, envolvimento e responsividade dos outros, sendo eles amigos, vizinhos ou familiares); e dos recursos materiais (recursos económicos necessários para a subsistência e para o desenvolvimento da criança).

Por último, as oportunidades dizem respeito às condicionantes que têm um grande impacto na parentalidade, como o caso do tempo necessário para que os pais exerçam da melhor forma as atividades parentais (Hoghughi, 2004).

Através do modelo de Hoghughi (2004) é possível concluir que a atividade parental é constituída por diferentes condições que a envolvem, sendo possível observar um grau de complexidade no processo educacional da criança. Contudo, vários fatores podem condicionar os comportamentos parentais e desse modo o desenvolvimento dos

filhos. Assim, é importante analisar como é que os diferentes comportamentos que os pais adotam com os filhos, vão influenciar o seu crescimento e desenvolvimento a vários níveis.

Capítulo 2 – Práticas e Estilos Parentais. Definição de conceitos e modelos teóricos

A família é o primeiro e o principal contexto de socialização e o mais importante modelo para o desenvolvimento de futuras relações. A socialização familiar refere-se ao grupo de processos interrelacionais que acontecem dentro do contexto familiar com o objetivo de desenvolver um sistema de valores, normas, crenças e comportamentos na criança. Contudo, a dinâmica familiar é diferente entre famílias pois estas, em parte, dependem dos estilos parentais que são aplicados no contexto familiar (Gallarín & Alonso-Arbiol, 2012). Estes comportamentos podem incluir práticas parentais e outros aspetos da interação pais-filhos, tais como: tom de voz, linguagem corporal, mudança de humor, dentro do qual práticas parentais específicas são implementadas (Darling & Steinberg, 1993).

Segundo Darling e Steinberg (1993) as práticas parentais educativas são um conjunto de comportamentos específicos dos pais no processo de educação ou socialização dos filhos que levam a um resultado comum. Estas são caracterizadas como estratégias usadas pelos pais que vão ajudá-los a atingir um determinado objetivo estabelecido para os filhos e para isso incentivam comportamentos que consideram adequados e suprimem aqueles que não o são. Os objetivos podem ser de diversos domínios, como o académico, social, afetivo, entre outros que vão determinar fortemente o desenvolvimento psicossocial da criança (Ceconello, Antoni, & Koller, 2003; Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004; Weber, Selig, Bernardi & Salvador, 2006). O uso de explicações, de punições ou de recompensas constituem exemplos dessas práticas.

Em estudos anteriores, as práticas parentais têm sido associadas a diversos indicadores do desenvolvimento psicológico e comportamental na adolescência, como a autoestima, depressão, ansiedade, competência interpessoal, entre outros (Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2006).

Na literatura são referidas diversas dimensões das práticas parentais, como a intrusividade (falta de respeito, por parte dos pais, em relação à privacidade e

intimidade dos filhos), a confiança, o envolvimento/apoio emocional, a monitorização dos filhos, o controlo psicológico (métodos de controlo, como indução de culpa e pressão excessiva), a sensibilidade dos pais para com os pedidos do adolescente, a consistência do comportamento parental, o nível de envolvimento dos pais com tarefas escolares, a rejeição parental, a superproteção, a tolerância, o uso de punição e o conflito (Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

Além disso, é ainda possível encontrar vários modelos teóricos que tentam explicar como as práticas educativas parentais e os estilos parentais, definido como o padrão global de características da interação dos pais com os filhos que geram um clima emocional (Darling & Steinberg, 1993), podem afetar o desenvolvimento das crianças.

A importância destes modelos deve-se ao facto de estes poderem favorecer o desenvolvimento de trabalhos preventivos, de avaliação e de intervenção, que ajudam não só os pais na execução dos seus papéis parentais, mas também profissionais a melhorar o atendimento às famílias (Sampaio, 2007).

1. Modelo de Baumrind (1966)

O modelo teórico elaborado por Baumrind (1966) sobre os tipos de controlo parental tem servido como base para o conceito de estilos parentais, pois integrou não só os aspetos comportamentais, mas também os emocionais. Assim, a autora propôs um modelo de classificação dos pais de acordo com o seu estilo parental: firme (*authoritative*), autoritário e permissivo.

Segundo este modelo, os pais autoritários modelam, controlam e avaliam o comportamento da criança de acordo com regras de conduta estabelecidas, por norma absoluta. Estes pais estimam a obediência dos filhos como uma virtude e são a favor de medidas punitivas para lidar com aspetos da criança que entram em conflito com o aquilo que consideram ser correto (Baumrind, 1966). Os pais firmes são aqueles que tentam direcionar as atividades das crianças de maneira racional e orientada; incentivam o diálogo, compartilham com a criança o raciocínio por detrás da forma como agem e solicitam as suas objeções quando a criança se recusa a concordar; exercem um controlo firme nos pontos de divergência, sem restringir a criança e reconhecem que esta possui interesses próprios e maneiras particulares, mas não baseiam as suas decisões em consensos ou no desejo da criança. Por último, os pais permissivos tentam comportar-se de maneira não-punitiva e recetiva diante dos desejos e ações da criança; apresentam-se

para a criança como um recurso para a realização dos seus desejos e não como um modelo, nem como um agente responsável por moldar e/ou direcionar o seu comportamento. Deste modo, o estilo permissivo corresponde às relações entre pais e filhos nas quais os pais impõem poucas responsabilidades à criança, permitindo que ela se autorregule. A característica principal deste estilo é o uso constante do reforço positivo (Weber et al., 2006).

2. Modelo de Maccoby e Martin (1983)

Maccoby e Martin (1983 citados por Weber et al., 2004) reformularam o modelo de Baumrind, dividindo o estilo parental permissivo em dois, estilo permissivo e estilo negligente. Esta divisão resulta da combinação de duas dimensões, a responsividade (*responsiveness* – os pais aceitam a responsabilidade de responder aos pontos de vista e exigências razoáveis dos filhos) e a exigência (*demandingness* – os filhos devem responder às exigências dos pais).

A responsividade inclui características como reciprocidade, comunicação, afetividade, apoio, aceitação parental, reconhecimento e respeito à individualidade do filho. Está associada a comportamentos mais afetivos, como dar carinho, mostrar-se orgulhoso ou desapontado (Darling & Steinberg, 1993).

A exigência refere-se à disponibilidade dos pais exercerem o papel de agentes socializadores através da supervisão, da motorização do comportamento dos filhos, do estabelecimento de expectativas de desempenho e da disciplina consistente ou indecisa. Relaciona-se com as categorias de práticas educativas manter a disciplina de forma consistente e o controlo através da culpa. Deste modo, a exigência está relacionada com atitudes coercivas por parte dos pais, como o uso de punições e proibições (Darling & Steinberg, 1993).

Assim, é possível verificar que a dimensão exigência engloba atitudes de controlo dos comportamentos através do estabelecimento de regras e de limites, enquanto a responsividade está associada a comportamentos de apoio emocional, comunicação bidirecional entre pais-filhos e estímulos que têm como objetivo dar autonomia aos filhos. A combinação destas duas dimensões caracteriza quatro estilos parentais amplos: autoritário, firme, permissivo e negligente (Maccoby & Martin, 1983 citados por Teixeira et al., 2006):

1. Os pais autoritários são exigentes e não responsivos – as exigências deles estão em desequilíbrio com a aceitação das exigências dos filhos, dos quais se espera que inibam seus pedidos;
2. Os pais permissivos são responsivos e não exigentes;
3. Os pais firmes são exigentes e responsivos – há uma reciprocidade, em que os filhos devem responder às exigências dos pais, mas estes também aceitam a responsabilidade de responderem, quando possível, aos pontos de vista e exigências razoáveis dos filhos;
4. Os pais negligentes são não exigentes e não responsivos – tendem a orientar-se pela fuga de inconveniências, o que os faz responder a pedidos imediatos da criança apenas de forma a acabar com estes).

Tabela 1. Tipologia dos estilos parentais segundo Maccoby e Martin (1983)

	Exigência	Responsividade
Autoritário	✓	X
Firme	✓	✓
Indulgente	X	✓
Negligente	X	X

O estilo autoritário resulta da combinação entre altos níveis de exigência e baixa responsividade e são pais caracterizados por imporem regras estritas, independentemente de qualquer participação da criança, não valorizam o diálogo e a autonomia, e reagem com rejeição às questões e opiniões da criança (Baumrind, 1966).

O estilo firme resulta da combinação entre exigência e responsividade em que os pais são caracterizados por estabelecerem regras que são consistentemente enfatizadas, monitorizam a conduta dos filhos (corrigindo atitudes negativas e gratificando as positivas), a comunicação estabelecida com os filhos é clara e aberta e baseada no respeito mútuo. Frequentemente solicitam a opinião dos filhos quando conveniente, encorajando a tomada de decisões e proporcionando oportunidades para o desenvolvimento de suas habilidades (Baumrind, 1966).

O estilo permissivo resulta da combinação entre baixa exigência e alta responsividade. Deste modo, pais com este estilo parental não estabelecem regras nem limites para a criança, estabelecendo poucas responsabilidades que contribuem para a maturidade dos filhos. São excessivamente tolerantes, sendo que permitem que a criança monitorize o seu próprio comportamento, contudo são afetivos, comunicativos e recetivos com seus filhos, e tendem a satisfazer qualquer pedido que a criança apresente (Baumrind, 1966).

O estilo negligente resulta da combinação entre exigência e responsividade em baixos níveis. Assim, os pais vão demonstrar pouco envolvimento com a tarefa de socialização da criança, não monitorizam o comportamento dos filhos, tendem a manter os filhos à distância, respondendo apenas às suas necessidades básicas. Os pais negligentes estão, frequentemente, centrados nos seus próprios interesses (Cecconello, et al., 2003).

Contudo, é importante diferenciar o que é um estilo negligente do que é negligência abusiva, considerada uma violência contra a criança. A negligência considerada como maltrato ocorre quando os responsáveis de satisfazer as necessidades básicas (físicas, sociais, psicológicas e intelectuais) não as levam a cabo, enquanto que o estilo parental negligente desenvolve quando os pais não se envolvem com os seus papéis de pais, o que não promove uma relação funcional entre eles e os filhos (Weber et al., 2004).

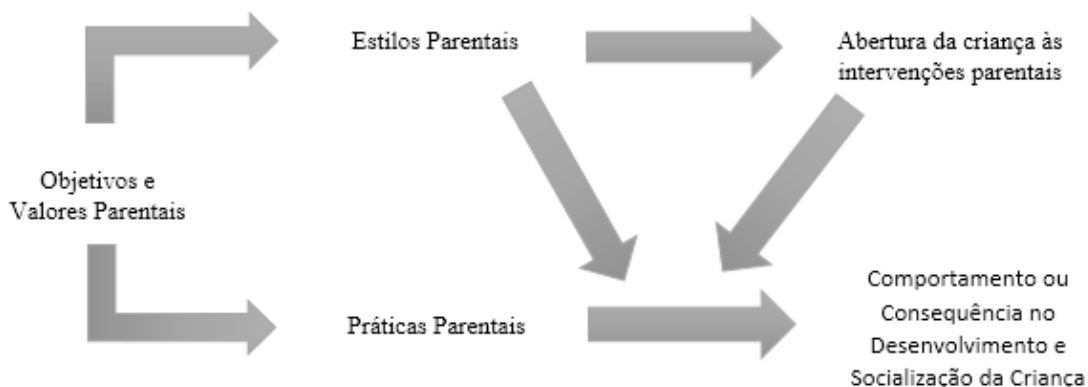
3. Modelo integrativo de Darling e Steinberg (1993)

No modelo de Darling e Steinberg (1993) tanto os estilos parentais como as práticas parentais resultam dos objetivos e valores que os pais apresentam, contudo cada um destes aspetos parentais influencia o desenvolvimento da criança através de processos diferentes.

As práticas são os métodos pelo qual os pais auxiliam diretamente o processo de socialização dos filhos e têm um efeito direto no desenvolvimento de comportamentos e características específicas na criança. Estas são influenciadas indiretamente pelos estilos parentais, que modificam e potencializam a eficácia das práticas através de dois processos: transformam a interação entre pais e filhos e modulam, conseqüentemente, o uso de práticas específicas; e influenciam a personalidade infantil, principalmente a sua abertura às intervenções parentais de

socialização (Figura 2). Os autores entendem os estilos parentais como uma variável contextual que vai modular a relação entre as práticas específicas e as consequências no desenvolvimento e no comportamento da criança.

Figura 2. Modelo Integrativo de Darling e Steinberg (1993).



Capítulo 3 – Variabilidade nos estilos parentais e práticas parentais

O papel das práticas educativas e o seu impacto no desenvolvimento das crianças tem sido objeto de estudo há muito tempo, tanto na nossa sociedade como em todo o mundo. Ao se estudar a família têm surgido questões como: qual o motivo para algumas famílias serem capazes de funcionar com relativa facilidade, enquanto outras, em situações semelhantes, não funcionam e desenvolvem perturbações (Mondin, 2008).

A investigação tem mostrado diversos resultados que apontam para a importância das relações precoces e das atitudes e comportamentos parentais neste âmbito, nomeadamente no que respeita aos padrões educativos dos pais (Veríssimo & Cardoso, 2013). Assim, têm sido encontradas condutas parentais que são consideradas positivas e protetoras do desenvolvimento, que devem incluir algumas dimensões como (Conte, 2001):

1. Uma conduta calorosa, que demonstre a aceitação da criança, a sua valorização pessoal e apoio às suas iniciativas;
2. incentivo ao desenvolvimento de competência social;
3. frequência de interações mais positivas do que mais aversivas e expressão

contínua de afeto positivo;

4. incentivo ao desenvolvimento da autonomia, como a capacidade de fazer escolhas;
5. minimização de discussões e agressões entre os familiares.

Outros aspetos da dinâmica familiar que contribuem para o ajustamento dos seus membros, de acordo com Ingberman (2001) podem ser observados na Tabela.

Tabela 2. Dimensões que influenciam a dinâmica familiar, segundo Ingberman (2001)

Comunicação	Qualquer comportamento verbal ou não verbal feito pelos membros da família
Regras Familiares	Introdução da disciplina na vida da criança vai envolver um contexto de interação entre pais e filhos, o que vai confrontar a criança com as regras das práticas educativas parentais
Papéis Familiares	Cada elemento assume um papel definido e adequado, o que contribui para o ajustamento da família
Liderança dos Pais	Deve ser compartilhada com os filhos de modo diferenciado e democrático, que promova o crescimento emocional de todos os elementos da família
Conflitos	Pode ser considerado benéfico ou prejudicial, dependendo da estimulação do desequilíbrio emocional, sendo que cabe à família conter os efeitos destrutivos e encontrar soluções
Manifestação da Agressividade	Como pode ocorrer no ambiente familiar, é importante que a sua expressão deve ser usada de forma construtiva
Afeto Física	Deve ser manifestada juntamente com uma carga emocional adequada;
Interação Conjugal	Importante para a integração e coordenação de esforços para atingir objetivos comuns

Várias investigações têm mostrado que existem diferenças nas características parentais entre pais e mães, sendo uma dessas diferenças o estilo parental que é usado por cada um deles. As mães tendem a providenciar mais carinho e suporte e geralmente apresentam uma relação mais próxima dos seus filhos (tanto crianças como

adolescentes) em comparação com os pais (McKinney, & Renk, 2008).

Russell et al. (1998) sugerem que mães têm mais tendência do que os pais, para usar o estilo firme, enquanto que os pais têm mais tendência para usar o estilo autoritário. Também foi encontrado que era mais provável ser encontrado o estilo autoritário a ser usado com filhos, enquanto o estilo firme era mais utilizado com as filhas.

Quando se tem em consideração o sexo da criança, é possível verificar que os filhos têm mais interações conflituosas devido a tarefas e regras impostas pelas mães e vêm-nas como demasiado protetoras e intrusivas. Contudo, os filhos também tendem a perceber as mães como sendo mais calorosas que os pais e mais abertas para a comunicação. Os filhos tendem a ver os pais como alguém com quem podem passar tempo de prazer e a quem podem pedir conselhos. Contudo, também vêm os pais como sendo distantes e que transmitem pouco carinho (McKinney, & Renk, 2008).

Em relação às filhas, estas tendem a ver a mãe como sendo a que proporciona uma rede de apoio e percebem os pais como a figura de autoridade, com quem passam pouco tempo (McKinney & Renk, 2008).

Contudo, existem outros fatores que podem influenciar o estilo parental adotado pelos pais, como o caso do nível de escolaridade destes. O estudo realizado por Kohn (1976) sobre o impacto da classe social dos pais têm nas crianças, mostram que pais e mães que pertencem a um nível social mais elevado (caracterizado por maior nível de escolaridade, mais poder de aquisição, entre outros), tendem a dar prioridade a valores de autonomia na criança, como autocontrolo, responsabilidade e curiosidade; enquanto que famílias de nível socioeconómico inferior (caracterizado por baixo nível de escolaridade e menos poder económico) se preocupam mais com valores como a obediência, respeito, limpeza, entre outros. No mesmo sentido, Kobarg e Viera (2008) realizaram um estudo em que mostram que mães com um nível de escolaridade mais alto preocupavam-se mais com os cuidados básicos e consideravam importante oferecer às crianças oportunidade de interação, estimulando a explorar o ambiente e brincar; pelo contrário, as mães da zona rural enfatizavam a disciplina e valorizavam as normas e regras.

Capítulo 4 – Como é que os estilos parentais influenciam o ajustamento psicológico dos filhos?

Os estilos parentais têm sido associados com desenvolvimento dos filhos, a vários níveis e em variadas vertentes da vida psicossocial das crianças. Deste modo, é possível observar que determinado estilo ou prática parental é mais positivo para o desenvolvimento adequado dos filhos, ou se pelo contrário, é prejudicial.

Em diversos estudos realizados em países anglo-saxónicos o estilo firme está positivamente associado com o ajustamento das crianças em diferentes faixas etárias. Pelo contrário, os estilos autoritários e permissivos estão associados a diversos tipos de desajustamento, como no relacionamento com os colegas e problemas comportamentais (Aunola, & Nurmi, 2005).

Na literatura encontrada é possível verificar que os diferentes estilos parentais vão influenciar o desenvolvimento e o ajustamento infantil, podendo estar relacionado com problemas de comportamento, problemas com pares, hiperatividade, sintomas emocionais e comportamento pró-social.

Em relação aos problemas de comportamento, estudos anteriores têm vindo a mostrar que o uso de métodos punitivos e um modelo baseado em autoridade tende a relacionar-se com problemas de comportamentos (crianças mais agressivas, hostis e impulsivas) (Baumrind, 1967; Frick, 1994; Rosli, 2014). De acordo Baumrind (1991) o estilo firme vai aumentar a probabilidade dos filhos desenvolverem competências sociais, quando comparadas com as outras crianças (Baumrind, 1991). É considerado que práticas parentais inadequadas, como uma disciplina ineficaz, falta de atenção e afeto, ausência de disciplina, castigos inconsistentes e prejudiciais ao desenvolvimento, típicos de um estilo parental autoritário, podem desencadear comportamentos agressivos (Pesce, 2009).

O estilo permissivo, em que não são estabelecidas regras e uma disciplina consistente, pode criar um contexto para comportamentos negativos das crianças, como a agressão. Isto porque crianças de pais permissivos não desenvolvem completamente a habilidade para controlar as suas emoções negativas, pois os pais normalmente não monitorizam o comportamento da criança e não as fazem refletir sobre o seu comportamento. Consequentemente, estas crianças ficam inaptas para regular os seus impulsos agressivos quando se deparam com problemas, conflitos e desentendimentos

com colegas, e como resultado mostram níveis excessivos de comportamentos agressivos quando zangados. O estilo permissivo é o que está relacionado com níveis mais elevados de agressão física em crianças (Kawabata, Alink, Tseng, IJzendoorn & Crick, 2011).

No que diz respeito aos problemas com colegas, investigações sugerem que o estilo parental firme fornece a melhor base para as competências das crianças no relacionamento com os colegas (Ladd & Pettit, 2002). A literatura mostra que o estilo autoritário, caracterizado pelo uso da punição e de disciplina coerciva, prediz o uso de agressão física pela criança e comportamentos hostis perante outras crianças (Kawabata et al., 2011).

Os estilos educativos parentais mostram-se também associados ao desenvolvimento de comportamentos pró sociais e antissociais, sendo que os comportamentos pró-sociais parecem relacionar-se com uma monitorização positiva (típico de um estilo parental firme) e, pelo contrário, os comportamentos antissociais associam-se a estratégias educativas caracterizadas por negligência e por disciplina sem supervisão e punições inconsistentes (estilo autoritário) (Sampaio, 2007).

A literatura sugere que o estilo firme prediz capacidades sociais adaptativas na criança, altos níveis de competência social, comportamento pró-social, regulação emocional, interações positivas com os colegas e menos comportamentos de agressão e delinquência. O estilo autoritário, pelo contrário, mostra-se associado com comportamentos desajustados, tais como agressão, delinquência e afastamento social (Kawabata et al., 2011).

Os estilos parentais usados também influenciam, de alguma forma, o desenvolvimento de sintomas emocionais. Neste sentido, foi possível verificar que filhos de pais autoritários possuem pouca habilidade social, baixa autoestima e alto índice de depressão (Darling, 1999). Também se verificou que em geral apresentam comportamentos de externalização (p.e. agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentira) e de internalização (p.e. afastamento social, depressão, ansiedade) (Oliveira et al., 2002).

Em relação à hiperatividade, estudos realizados defendem que os estilos parentais podem influenciar o desenvolvimento de traços de hiperatividade nas crianças. De acordo com Yousefia, Far e Abdolahian (2011, citado por Cardoso, 2015), a maioria

das crianças que apresentam traços de hiperatividade, integram um contexto familiar com altos níveis de stresse e pais que adotam um estilo parental autoritário o que indica que um estilo educativo mais controlador, negativo, exigente e crítico contribui significativamente para o desenvolvimento de sintomas de hiperatividade. Também se verificou que pais de crianças hiperativas apresentam um estilo educativo negligente, marcado por baixos níveis de carinho, em comparação com pais de crianças sem esta perturbação.

O estudo realizado por Johnston e Mash (2001) indica que crianças com hiperatividade apresentam pais com um estilo disciplinar altamente diretivo e hostil (autoritário) ou excessivamente permissivo, o que reforça os sintomas de hiperatividade, impulsividade e desatenção. Algumas teorias sugerem que problemas familiares, especialmente envolvendo o estilo parental muito permissivo, estão entre um dos causadores da perturbação da hiperatividade. No entanto, estudos recentes indicam que o estilo parental pode ser uma consequência e não a causa da perturbação (Trenas, Cabrera, & Osuna, 2008).

Quando se tem em consideração o modelo de Maccoby e Martin (1983) que dividiu o estilo permissivo com a inserção de duas dimensões (responsividade e exigência), os estudos mostram que os resultados negativos estão relacionados com pais negligentes, sendo que os filhos possuem o menor desempenho em todos os domínios, possuem baixo rendimento escolar, sintomas depressivos e baixa autoestima (Darling, 1999) e possuem um maior índice de ansiedade (Weber, Biscaia, Pavei, & Galvão, 2002).

Assim, com base nos estudos realizados, foi possível observar que a responsividade parental prediz competência social e psicossocial funcional, enquanto a exigência parental está associada com a competência instrumental e controlo comportamental. Estas descobertas indicam que crianças de famílias autoritárias (com altos níveis de exigência e baixos níveis de responsividade) tendem a ter um desempenho moderado nas escolas, sem problemas de comportamento, mas apresentam pobres habilidades sociais, baixa auto estima e altos níveis de depressão; crianças de famílias permissivas (com altos níveis de responsividade e baixos de exigência) têm mais probabilidade de estar envolvidos em problemas de comportamento e tem um pior desempenho escolar, contudo apresentam níveis mais elevados de auto estima, melhores competências sociais e baixos níveis de depressão (Darling, 1999).

Assim, através de investigações realizadas com base em entrevistas com os pais, relatórios da crianças e observações dos pais, foi possível observar que as crianças que têm pais firmes avaliam-se a eles mesmo e são avaliados como mais competentes socialmente e instrumentalmente, em comparação com as crianças de pais não firmes (Baumrind, 1991; Miller, Cowan, Cowan & Hetherington, 1993; Weiss & Schwarz, 1996).

Em relação ao estilo firme, as investigações mostram que este estilo parental está associado tanto com a competência social como a instrumental, e também com baixos níveis de problemas de comportamento em tanto raparigas como rapazes em todos os estágios de desenvolvimento (Darling, 1999).

Contudo, os resultados dos estilos autoritários e dos permissivos não são tão claros pois mostram uma mistura de resultados positivos e negativos. No caso de adolescentes com pais autoritários mostram uma razoável posição de obediência e conformidade com as regras, ou seja, eles têm um bom desempenho na escola e não se envolvem tanto em atividades problemáticas; mas também manifestam menos confiança em si mesmos e maior nível de ansiedade (García & Gracia, 2009). No entanto, alguns estudos desenvolvidos com crianças mais pequenas, do ensino pré-escolar e 1º ciclo, mostram que as crianças que percecionam os pais como autoritários apresentam problemas do comportamento de internalização (ansiedade, depressão) e de externalização (problemas de comportamento, abuso de substâncias) na escola (Oliveira et al., 2002).

Adolescentes de famílias permissivas mostram altos níveis de autoconfiança e competência, mas também uso de substancias e problemas nas escolas. Diversos estudos realizados em diferentes países suportam a ideia de que, comparado com o estilo firme, o estilo negligente corresponde a um desempenho pior da parte da criança, enquanto que o estilo autoritário e o permissivo encontram-se numa posição intermédia (García & Gracia, 2009).

Deste modo, é possível observar que crianças educadas por diferentes estilos parentais diferem no grau de competência social, níveis de assertividade, maturidade, conduta independente e empreendedora, responsabilidade social, entre outros. Sendo que estas dimensões são observadas com mais frequência em crianças que apresentam pais com o estilo parental firme (Baumrind & Black, 1967).

O impacto positivo do estilo parental firme tem sido explicado com base nos estímulos que os pais usam para que os filhos sejam independentes na resolução de problemas e que desenvolvam o seu pensamento crítico. Por sua vez, o estilo autoritário que não estimula uma exploração ativa por parte dos filhos, resolução de problemas e pelo contrário promove uma dependência no adulto, não apresenta resultados tão positivos nas crianças (Aunola, Stattin, & Nurmi, 2000).

Pelo contrário, o estilo parental autoritário, em particular o elemento de excesso de controlo, tem sido associado com a passividade das crianças e na falta de interesse na escola. Tem sido sugerido, que um ambiente pouco controlado, típico de pais negligentes e permissivos, não promovem a autorregulação da criança e pode levar a comportamentos mais impulsivos. Deste modo, o estilo parental permissivo e negligente tem sido associado com crianças e adolescentes pouco realizadas (Aunola et al., 2000).

Contudo, é importante referir que o desenvolvimento infantil e o comportamento parental são sujeitos a diversos fatores individuais, intra e extrafamiliares e contextuais (Cardoso, 2015), pelo que não se deve ter uma leitura linear do comportamento infantil e como este é apenas influenciado pelo estilo parental, mas sim, tendo em conta todos os outros fatores.

Deste modo, é possível verificar que investigações realizadas em contextos anglo-saxónicos têm considerado que os pais firmes como o estilo parental ótimo pois este é associado regularmente com bons resultados nas crianças e adolescentes (Lamborn et al., 1991). Contudo, estudos realizados em outros contextos e etnias trazem dúvidas sobre se o estilo firme é sempre associado com um bom ajustamento das crianças, pois estudos realizados com grupos de minoria étnicos (raparigas afro-americanas, adolescentes hispânicas, crianças chinesas, famílias pobres e pais com baixo nível de escolaridade), mostraram que o estilo autoritário pode ser associado com independência, assertividade, bom desempenho académico, relação positiva entre pais e filhos, entre outros (Calafat, García, Juan, Becoña & Fernández-Hermida., 2014). Por outro lado, o estilo permissivo tem sido visto como eficaz no sul da europa e países américo-latinos. Estudos realizados com famílias espanholas, verificou-se que o estilo permissivo é tão ou mais eficaz que o estilo firme, em dimensões como a autoestima, ajustamento psicológico, competências pessoais e problemas de comportamento (García & Gracia, 2009). Investigações recentes mostram que o estilo parental permissivo é eficaz em diversos países do sul da europa (como Espanha, Portugal e Itália) e na

Alemanha (García & Gracia, 2014). Assim, é considerado que o estilo parental ideal depende da cultura em que a relação pais e filhos é desenvolvida (García & Gracia, 2009).

PARTE II – Estudo Empírico

Capítulo 1 – Objetivos da Investigação

1. Objetivo Geral

Tendo em consideração os capítulos anteriores, na presente investigação pareceu pertinente analisar os estilos parentais adotados na população portuguesa, tanto pelos pais como pelas mães, e como estes podem ou não estar relacionados com alguns dos comportamentos ou atitudes dos filhos, como problemas de comportamento, com pares, entre outros.

Deste modo, foi definido como objetivo geral avaliar os estilos e práticas parentais e como estes se relacionam com a perceção das capacidades e dificuldades dos filhos numa amostra de pais da população geral, tendo em consideração as características sociodemográficas.

2. Objetivos Específicos

Tendo em consideração o objetivo geral, e a revisão da literatura realizada, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar os estilos e práticas parentais dos pais numa amostra da população geral;
- b) Analisar a sua perceção das capacidades e dificuldade dos filhos;
- c) Analisar se existem relações entre os estilos e práticas parentais com a perceção das capacidades e dificuldades dos filhos, como casal e separadamente (mãe e pai).

Capítulo 2 – Método

Participantes

A presente investigação contou com 152 participantes, entre os quais 80 eram mães e 72 eram pais. As mães apresentavam uma idade média de 37,5 ($DP = 5,64$) e os pais uma idade média de 39,7 ($DP = 6,40$).

Os participantes do estudo tinham características sociodemográficas semelhantes às da população portuguesa, no que se refere à idade, sexo e nível de estudos, e os filhos tinham idades compreendidas entre os 2 e os 13 anos, devido às indicações de aplicação dos instrumentos que foram utilizados.

Tabela 3. Idade cronológica dos pais e mães entrevistados

	Mínimo	Máximo	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade da mãe	23	49	37,5	5,64
Idade do Pai	26	54	39,7	6,40

A maioria dos casais que participaram na investigação eram casados (67,8%), seguindo-se os com união-de-facto (27%), solteiros (3,3%) e por fim divorciados/separados (2%).

Em relação aos estudos das mães, a maioria possuía o ensino universitário (38,8%) ou o ensino secundário (37,5%). Os pais por seu lado tinham maioritariamente o ensino secundário (37,5%) (Figura 3).

Em relação às profissões, as mães tinham maioritariamente uma profissão de alta qualificação (44,7%) enquanto os pais na sua maioria apresentavam uma profissão de média qualificação (49,3%).

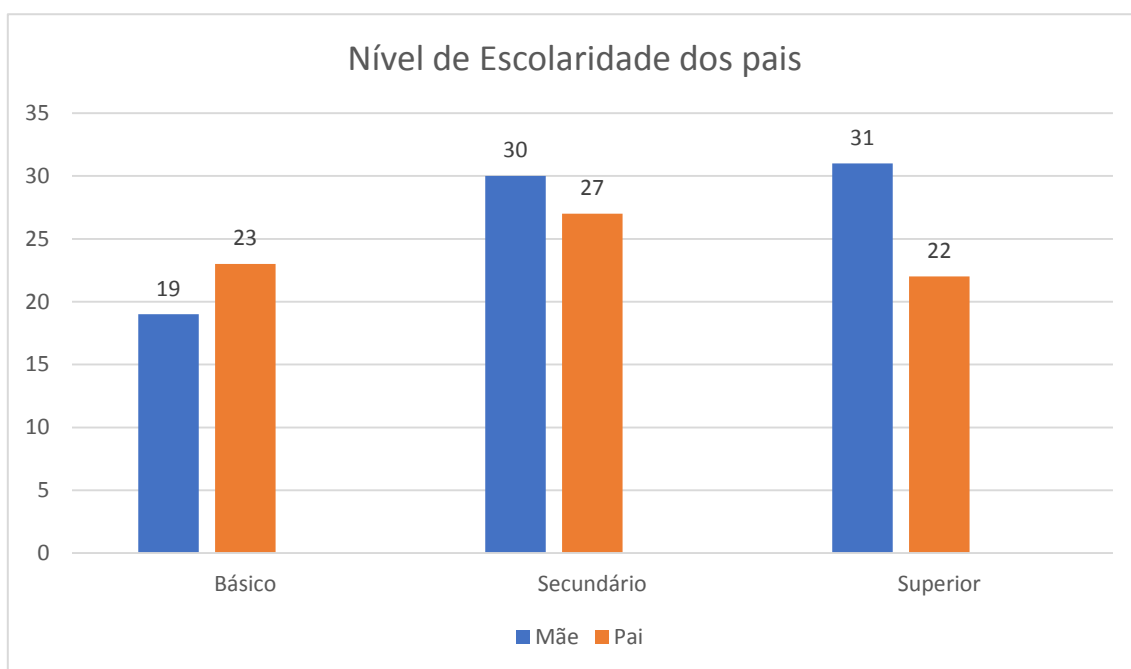


Figura 3: Nível de escolaridade dos participantes

As famílias dos participantes são na sua maioria biparentais (96,7%), em que 96,1% apresentavam uma estrutura familiar intacta e 3,9% participantes numa família reconstituída. Na amostra, todos os filhos viviam todos com a mãe e 95,4% viviam com os pais e 68,4% das crianças conviviam com irmãos. Em relação à constituição da família, 8,6% viviam com membros da família extensa.

A amostra foi constituída por respostas acerca de 77 raparigas (50,7% da amostra) e 75 rapazes (49,3% da amostra), sendo que estes se encontravam entre o pré-escolar ao 8º ano de escolaridade, e ainda outros que ainda não se encontravam em contexto educativo. Verificou-se que 23% da amostra (35 participantes) encontravam-se no pré-escolar, sendo esta a maior percentagem da amostra, em contrapartida apenas 1,3% (2 participantes) encontravam-se no 8º ano.

Instrumentos

De modo a se obterem os dados necessários para a realização do estudo, foram aplicados três questionários: as versões portuguesas do questionário de estilos e dimensões parentais, o questionário das capacidades e dificuldades e um questionário sociodemográfico.

a. Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (PSDQ)

O *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* elaborado por Robinson, Mandleco, Olsen e Hart (2001) foi traduzido e adaptado à população portuguesa por Miguel, Valentim e Carugati (2013). Este questionário avalia os estilos parentais de pais e mães de crianças em idade escolar, de acordo com os três estilos parentais sugeridos por Baumrind (1971) (firme, autoritário e permissivo) já descritos no enquadramento teórico.

O questionário é constituído por 32 itens sendo que cada sujeito deverá indicar o grau de frequência com que efetuam os comportamentos que estão a ser apresentados, usando a escala de Likert (1 = Nunca a 5 = Sempre). Este formato irá permitir distinguir os estilos parentais, em que cada um é definido por determinados itens.

O estilo firme é constituído pelas dimensões apoio e afeto (p.e. “Dou resposta aos sentimentos e necessidades do(a) meu/minha filho(a)”), regulação (p.e. “Explico ao(à) meu/minha filho(a) como me sinto quando se porta bem e quando se porta mal”) e autonomia (p.e. “Tomo em conta o que o(a) meu/minha filho(a) quer ou deseja antes de lhe pedir para fazer algo”). O estilo autoritário é constituído pelas dimensões coerção física (p.e. “Castigo fisicamente o(a) meu/minha filho(a) como forma de o(a) disciplinar”), hostilidade verbal (p.e. “Grito ou falo alto quando o(a) meu/minha filho(a) se porta mal”) e punição (p.e. “Castigo o(a) meu/minha filho(a) retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma explicações”). O estilo permissivo é determinado por itens como “Acho difícil disciplinar o(a) meu/minha filho(a)”, “Cedo ao(à) meu/minha filho(a) quando faz uma birra por qualquer coisa”, entre outros (Miguel, I., Valentim, J. & Carugati, F., 2013).

A versão reduzida do questionário elaborado por Miguel, Valentim e Carugati (2013) revelou uma boa consistência interna com valores observados de 0,82 para o estilo firme e 0,80 para o estilo autoritário. O estilo permissivo é o menos consistente dos três, com um coeficiente alpha de ,63, contudo foi explicado pelo facto desta dimensão apresentar um reduzido número de itens (5). Estes resultados aproximam-se nos valores obtidos da versão original do PSDQ – Short Form (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) que reportaram coeficientes de ,86; ,82 e ,64 para os estilos autoritativo, autoritário e permissivo, respetivamente.

Na presente investigação, a dimensão do estilo permissivo apresentou um alpha de ,65, o estilo autoritário um alpha de ,84 e o estilo firme de ,87, aproximando-se assim dos valores obtidos geralmente na aplicação do instrumento.

As dimensões que determinam os diferentes estilos parentais apresentam os seguintes coeficientes: coerção física ($\alpha=,80$), hostilidade verbal ($\alpha=,74$), punição ($\alpha=,67$), afeto e apoio ($\alpha=,64$), regulação ($\alpha=,83$) e autonomia ($\alpha=,66$).

b. Questionário das Capacidades e Dificuldades (SDQ)

O questionário das capacidades e dificuldades (*Strengths and Difficulties Questionnaire*) foi desenvolvido originalmente por Goodman (1997, 2001) e foi posteriormente traduzido e adaptado à população portuguesa por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar (2004). Este questionário tem como objetivo conhecer a visão que os pais e outros educadores têm do desenvolvimento socioemocional das crianças e pretende identificar comportamentos adequados ou não adequados (capacidades e dificuldades), que abrange idade entre os 3 e os 16 anos de idade (Goodman, 2001).

Goodman (2001) classificou o instrumento como sendo útil para detetar desordens de conduta, hiperatividade, depressão e algumas perturbações da ansiedade, sendo por isso considerado um instrumento de pesquisa amplamente utilizado para a deteção de problemas relacionados com a saúde mental na infância (.

É composto por 25 itens sendo que cada um tem três opções de resposta (não é verdade, cotada com 0 ou 2; é pouco verdade, cotada com 1; é muito verdade, cotada com 2 ou 0). Os itens estão organizados em cinco subescalas, sendo elas, sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas de relacionamento com os colegas e comportamento pró-social. A soma das quatro subescalas (com exceção da escala de comportamento pró-social) permite calcular o total das dificuldades das crianças.

Foram investigadas as propriedades psicométricas num estudo de Abreu et al. (2010), em que se verificou que todas as dimensões do SDQ, versão pais e professores, estavam acima de ,60 ou com valores muito próximos de ,60.

Na presente investigação o instrumento apresentou um alpha de Cronbach de ,78, e as suas subescalas apresentaram os seguintes valores: sintomas emocionais apresentou um alpha de Cronbach de ,60, os problemas de comportamento apresentaram

um alpha de ,61, hiperatividade um alpha de ,74, problemas na relação com os colegas um alpha de ,46 e o comportamento pró-social apresentou um alpha de Cronbach de ,75.

c. Questionário sociodemográfico

Utilizou-se um questionário sociodemográfico que recolheu a seguinte informação: idade, sexo, nível educativo, situação e qualificação profissional dos participantes, aspetos relacionados com os seus filhos, como o sexo, idade, nível académico e problemas de saúde, e ainda com a situação familiar (estado civil, quem vive na mesma residência e rendimentos).

Procedimento

Recolha de dados

Inicialmente foram obtidos os consentimentos informados de todos os participantes, aos quais foram explicados os objetivos do estudo e garantida a confidencialidade e o seu anonimato no tratamento de dados. Também foi explicado que em qualquer momento da entrevista os participantes poderiam abandonar o estudo sem que isso suponha nenhum prejuízo ou efeito negativo.

Posteriormente, de modo a obter os dados necessários, foram aplicados questionários através da realização de entrevistas que foram efetuadas individualmente ao pai e mãe e que tiveram uma duração de 60 minutos aproximadamente para cada.

Os instrumentos foram aplicados num ambiente acolhedor e silencioso, onde se pôde garantir a confidencialidade dos dados. Após o preenchimento, os instrumentos foram colocados num envelope fechado para que seja garantida a confidencialidade dos dados. Os questionários foram aplicados por vários investigadores que colaboram no projeto coordenado pela Doutora Cristina Nunes.

Análise de dados

Para a análise e tratamento de dados foi usado o programa IBM SPSS versão 22. Foi realizada uma análise descritiva, univariada e bivariada utilizando as seguintes medidas: frequências absolutas e relativas, médias, desvio-padrão, mínimos e máximos. A análise inferencial inclui a correlação de Pearson, contrastes de médias (T-Student e Anova), análises multivariadas de regressão e um modelo de regressão linear.

Capítulo 3 – Resultados

1. Caracterização dos estilos e dimensões parentais

Como se pode observar na Tabela 3 o estilo mais frequentemente usado foi o estilo firme ($M = 4,20$; $DP = 0,45$), seguido pelo estilo permissivo ($M = 2,48$; $DP = 0,58$) e por último o estilo autoritário ($M = 2,13$; $DP = 0,51$).

Quando se comparam todas as dimensões, observou-se que a mais usada foi a ligação, afeto e apoio ($M = 4,41$; $DP = 0,46$). Pelo contrário, a dimensão menos usada pelos pais foi a punição ($M = 1,72$; $DP = 0,56$).

Tabela 4. Estatísticas descritivas dos estilos e dimensões parentais

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mín.	Máx.
Estilo Autoritário	2,13	0,51	1	3,33
Coerção Física	1,97	0,61	1	3,50
Hostilidade Verbal	2,69	0,70	1	4,25
Punição	1,72	0,56	1	3,75
Estilo Firme	4,20	0,45	2,73	5
Ligação, Afeto e Apoio	4,41	0,46	2,80	5
Regulação	4,24	0,58	2,40	5
Autonomia	3,95	0,54	2,60	5
Estilo Permissivo	2,48	0,58	1	4,20

Os contrastes realizados com a ANOVA mostraram diferenças significativas nos estilos educativos segundo o nível de estudos dos pais com um tamanho de efeito pequeno ($F(2, 149) = 3,73$; $p < ,05$, $\eta^2 = ,05$). O teste Post-hoc Games–Howell revelou que os pais que tinham maior nível de estudos utilizavam mais frequentemente o estilo firme ($M = 4,34$; $DP = 0,42$) do que os que tinham estudos básicos ($M = 4,11$; $DP = 0,46$; $p < ,05$) (Tabela 5).

Tabela 5. Comparação dos estilos parentais segundo o nível de escolaridade dos pais

	Básico (<i>N</i> = 42) <i>M</i> (<i>DP</i>)	Secundário (<i>N</i> = 57) <i>M</i> (<i>DP</i>)	Superior (<i>N</i> = 53) <i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
Estilo Autoritário	2,23 (0,49)	2,13 (0,49)	2,05 (0,54)	1,50	<i>n.s.</i>	-

Estilo Firme	4,11 (0,46)	4,15 (0,46)	4,34 (0,42)	3,73	,026	,05
Estilo Permissivo	2,61 (0,54)	2,43 (0,60)	2,44 (0,57)	1,46	<i>n.s.</i>	-

Não observamos diferenças nos estilos parentais de acordo com o sexo dos filhos (Tabela 6). No que se refere à idade dos filhos apenas se observaram diferenças significativas no estilo autoritário ($F(2, 149) = 7,54; p < ,05; \eta^2 = ,09$). Os pais utilizavam menos o estilo autoritário com os filhos mais velhos ($M = 1,89; DP = 0,50$), do que nos mais novos ($M = 2,17; DP = 0,47$) e dos filhos entre os 6 e os 9 anos de idade ($M = 2,26; DP = 0,48; p < 0,05$) (Tabela 7).

Tabela 6. Comparação dos estilos parentais segundo o sexo dos filhos

	Rapariga (N=77) <i>M (DP)</i>	Rapaz (N=75) <i>M (DP)</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
Estilo Autoritário	2,17 (0,51)	2,09 (0,50)	0,95	<i>n.s.</i>	-
Estilo Permissivo	2,49 (0,55)	2,48 (0,61)	0,00	<i>n.s.</i>	-
Estilo Firme	4,18 (0,44)	4,22 (0,47)	0,26	<i>n.s.</i>	-

Tabela 7. Comparação dos estilos parentais segundo a idade agrupada dos filhos

	2 – 5 (N=46) <i>M (DP)</i>	6 – 9 (N=64) <i>M (DP)</i>	10 – 13 (N=42) <i>M (DP)</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
Estilo Autoritário	2,17 (0,47)	2,26 (0,48)	1,89 (0,50)	7,54	0,001	0,09
Estilo Permissivo	2,61 (0,51)	2,47 (0,58)	2,37 (0,63)	1,99	<i>n.s.</i>	-
Estilo Firme	4,16 (0,45)	4,16 (0,44)	4,32 (0,46)	1,88	<i>n.s.</i>	-

2. Comparação dos estilos parentais entre pais e mães

Ao comparar os estilos e dimensões usados por pais e mães, apenas se observaram diferenças significativas no uso da Ligação, afeto e apoio, com um tamanho de efeito pequeno ($F(1, 150) = 5,65; p < ,05, \eta^2 = ,04$). As mães utilizavam mais esta dimensão ($M = 4,50; DP = 0,38$) do que os pais ($M = 4,33; DP = 0,52$).

Tabela 8. Comparação do estilo autoritário, firme e permissivo entre pais e mães

	Mãe (N=80) M (DP)	Pai (N=72) M (DP)	F	p	η^2
Estilo Autoritário	2,19 (0,53)	2,06 (0,47)	2,32	n.s.	-
Coerção Física	2,04 (0,64)	1,90 (0,58)	2,05	n.s.	-
Hostilidade Verbal	2,77 (0,71)	2,60 (0,68)	2,29	n.s.	-
Punição	1,76 (0,61)	1,69 (0,50)	0,46	n.s.	-
Estilo Firme	4,26 (0,41)	4,14 (0,50)	2,39	n.s.	-
Ligação, Afeto e Apoio	4,50 (0,38)	4,33 (0,52)	5,65	0,019	0,04
Regulação	4,29 (0,54)	4,18 (0,61)	1,49	n.s.	-
Autonomia	3,98 (0,52)	3,93 (0,57)	0,32	n.s.	-
Estilo Permissivo	2,44 (0,56)	2,53 (0,60)	0,93	n.s.	-

3. Perceção dos pais acerca das capacidades e dificuldades dos filhos

Como se pode observar na Tabela 9, os pais perceberam os filhos com mais comportamentos pró-sociais ($M = 8,00$; $DP = 1,89$), do que com problemas de ajustamento psicológico. Por outro lado, o tipo de problemas de ajustamento percebido pelos pais com uma pontuação maior foi a hiperatividade ($M = 4,15$; $DP = 2,23$) e os Problemas com Colegas foram os que tiveram uma pontuação mais baixa ($M = 1,53$; $DP = 1,42$).

Tabela 9. Resultados do questionário de Capacidades e Dificuldades

	Média	DP	Mínimo	Máximo
Sintomas Emocionais	1,93	1,63	0	7
Problemas de Comportamento	2,27	1,60	0	7
Hiperatividade	4,15	2,23	0	10
Problemas com Colegas	1,53	1,42	0	5
Comportamento Pró-Social	8,00	1,89	3	10
Total	9,88	4,78	0	20

Foram encontradas diferenças significativas de acordo com o sexo dos filhos (Tabela 10), em relação à hiperatividade ($F(1, 150) = 11,26$; $p <,05$; $\eta^2 =,07$) e ao SDQ Total ($F(1, 150) = 4,07$; $p <,05$; $\eta^2 =,03$).

Em relação à hiperatividade, os pais percebem os rapazes ($M = 4,75$; $DP = 2,23$) como tendo níveis mais elevados nesta dimensão do que as raparigas ($M = 3,57$; $DP = 2,08$).

No que diz respeito ao SDQ Total, verifica-se que os pais percebem um maior nível de dificuldades nos rapazes ($M = 10,67$; $DP = 4,94$) do que nas raparigas ($M = 9,12$; $DP = 4,52$).

Tabela 10. Comparação das capacidades e dificuldades de acordo com o sexo dos filhos

	Rapariga (N=77) <i>M (DP)</i>	Rapaz (N=75) <i>M (DP)</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
Sintomas Emocionais	1,91 (1,66)	1,95 (1,61)	0,02	<i>n.s.</i>	-
Problemas de Comportamento	2,26 (1,59)	2,28 (1,61)	0,01	<i>n.s.</i>	-
Hiperatividade	3,57 (2,08)	4,75 (2,23)	11,26	0,001	0,07
Problemas com Pares	1,38 (1,30)	1,69 (1,53)	1,89	<i>n.s.</i>	-
Comportamento Pró- Social	8,12 (1,89)	7,85 (1,90)	0,73	<i>n.s.</i>	-
SDQ Total	9,12 (4,52)	10,67 (4,94)	4,07	0,045	0,03

Os contrastes realizados com a ANOVA mostraram diferenças significativas nas dificuldades dos filhos percebidas pelos pais segundo a idade dos filhos, tanto na dimensão hiperatividade ($F(2, 149) = 4,53$; $p <,05$; $\eta^2 = ,06$), como no comportamento pró-social ($F(2, 149) = 3,11$; $p <,05$; $\eta^2 = ,04$) e no SDQ Total ($F(2, 149) = 3,18$; $p <,05$; $\eta^2 = ,04$).

O teste Post-hoc Games–Howell revelou que os pais perceberam maiores níveis de hiperatividade nos filhos mais novos ($M = 4,70$; $DP = 1,88$), do que nos filhos mais velhos ($M = 3,33$; $DP = 2,63$); perceberam também mais comportamentos pró-sociais em filhos mais velhos ($M = 8,57$; $DP = 1,80$) do que nos mais novos ($M = 7,61$; $DP = 1,83$); os pais perceberam os filhos mais novos como tendo mais dificuldades em geral ($M = 11,00$; $DP = 3,81$) do que os mais velhos ($M = 8,48$; $DP = 5,70$) (Tabela 11).

Tabela 11. Comparação das capacidades e dificuldades de acordo com a idade dos filhos

	2 – 5 (N=46) <i>M (DP)</i>	6 – 9 (N=64) <i>M (DP)</i>	10 – 13 (N=42) <i>M (DP)</i>	<i>F</i>	<i>p.</i>	η^2
Sintomas Emocionais	1,89 (1,77)	2,14 (1,34)	1,64 (1,85)	1,21	<i>n.s.</i>	-
Problemas de Comportamento	2,61 (1,29)	2,28 (1,51)	1,88 (1,95)	2,32	<i>n.s.</i>	-
Hiperatividade	4,70 (1,88)	4,30 (2,05)	3,33 (2,63)	4,53	,012	,06
Problemas com Pares	1,80 (1,11)	1,28 (1,53)	1,62 (1,53)	1,94	<i>n.s.</i>	-
Comportamento Pró-Social	7,61 (1,83)	7,86 (1,94)	8,57 (1,80)	3,11	,047	,04
SDQ Total	11,00 (3,81)	10,00 (4,59)	8,48 (5,70)	3,18	,044	,04

Foram encontradas diferenças significativas entre as capacidades percebidas pelos pais e o nível de escolaridade destes, nas dimensões problemas com pares ($F(2, 149) = 5,90; p < ,05; \eta^2 = ,07$) e no SDQ Total ($F(2, 149) = 4,56; p < ,05; \eta^2 = ,06$). O teste Post-hoc Games–Howell revelou que os pais perceberam mais problemas com pares quando estes apresentam o nível básico ($M = 2,09; DP = 1,53$) do que aqueles que apresentam o nível superior ($M = 1,12; DP = 1,30$). Em relação ao SDQ Total, pais que apresentam o nível básico de escolaridade, perceberam mais dificuldades nos filhos ($M = 11,65; DP = 4,68$) do que aqueles que apresentam o nível superior ($M = 8,84; DP = 5,05$) (Tabela 12).

Tabela 12. Comparação das capacidades e dificuldades de acordo com o nível de escolaridade dos pais

	Básico (N=42) <i>M (DP)</i>	Secundário (N=57) <i>M (DP)</i>	Superior (N=53) <i>M (DP)</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
Sintomas Emocionais	2,28 (1,65)	1,91 (1,65)	1,65 (1,56)	1,78	<i>n.s.</i>	-
Problemas de Comportamento	2,65 (1,60)	2,09 (1,59)	2,16 (1,58)	1,75	<i>n.s.</i>	-
Hiperatividade	4,63 (2,20)	4,00 (2,08)	3,92 (2,40)	1,39	<i>n.s.</i>	-
Problemas com Pares	2,09 (1,53)	1,48 (1,33)	1,12 (1,30)	5,90	0,003	0,07

1. Estilo Autoritário	-.42*	.36**	.16	.33**	.35**	.09	-.09	.35**
2. Estilo Firme		-.18*	-.14	-.26**	-.24**	-.21*	.28**	-.31**
3. Estilo Permissivo			.08	.38**	.26**	-.01	-.16*	.28**
4. Sintomas Emocionais				.23**	.18*	.35**	-.02	.61**
5. Problemas de comportamento					.44**	.38**	-.40**	.73**
6. Hiperatividade						.26**	-.21*	.75**
7. Problemas com Pares							-.35**	.67**
8. Comportamento Pró Social								-.34**

* p<,05, ** p<,01

Como se pode observar na Tabela 14, todos os estilos correlacionam significativamente entre si. O estilo autoritário correlaciona-se negativamente com o estilo firme ($r = -.42$; $p <,01$), pelo que sugere que pais que utilizam métodos do estilo autoritário, têm tendência a não utilizar métodos do estilo firme. Também o estilo permissivo se correlaciona negativamente com o estilo firme ($r = -.18$, $p <,05$), sugerindo que as práticas usadas por estes estilos parentais são distintas. Por fim, o estilo autoritário e o estilo permissivo correlacionam-se positivamente ($r = ,36$; $p <,01$), o que pode indicar o uso de práticas em comum nos dois estilos parentais.

Em relação ao estilo autoritário é também possível observar que este se relaciona positivamente e significativamente com dimensões como problemas de comportamento ($r = ,33$; $p <,01$) que apresenta itens como “enerva-se com muita facilidade e faz muitas birras” e “mente frequentemente ou engana”; e com a hiperatividade ($r = ,35$; $p <,01$), que apresenta itens como “distrai-se com facilidade” e “é irrequieto, muito mexido, nunca fica quieto/a”. No que diz respeito às outras dimensões este estilo não se correlaciona significativamente. Contudo, de realçar que com o comportamento pró-social, apesar da correlação não ser significativa, apresentam uma correlação negativa ($r = -.09$; $p >,05$), ou seja, estes valores sugerem que o uso de estilo parental autoritário

diminui a percepção dos pais no que diz respeito a itens como “é sensível aos sentimentos dos outros” e “partilha facilmente com outras crianças”.

No caso do estilo firme é possível verificar que este está correlacionado negativamente com a maioria das dimensões, neste caso os sintomas emocionais ($r = -0,14$; $p >,05$), problemas de comportamento ($r = -,26$; $p <,01$), hiperatividade ($r = -,24$; $p >,05$) e problemas com pares ($r = -0,21$; $p <,05$), excetuando apenas os comportamentos pró-sociais que se correlaciona positivamente ($r = ,28$; $p <,01$). Deste modo é possível concluir que pais que apresentam um estilo parental firme, têm uma maior percepção da dimensão positiva, ou seja os comportamentos pró-sociais, em comparação com aqueles que se apresentam como dimensões mais negativas.

No que diz respeito ao estilo permissivo é possível verificar que este se correlaciona positivamente e de modo significativo com as dimensões de problemas de comportamento ($r = 0,38$; $p <,01$) e com a hiperatividade ($r = ,26$; $p <,01$) e pelo contrário, correlaciona-se negativamente e de modo significativo com os comportamentos pró-sociais ($r = -0,16$; $p <,05$).

6. Modelo de Regressão Linear

Após a observação das correlações obtidas entre os estilos parentais, o ajustamento psicológico dos filhos e as variáveis sociodemográficas, utilizámos o modelo de regressão hierárquica múltipla para avaliar o poder destas variáveis para explicar a variância no ajustamento psicológico infantil. Considerámos três blocos de possíveis preditores: Variáveis associadas à criança (a idade e sexo), variáveis sociodemográficas dos pais (nível de estudos), variáveis dos estilos parentais (estilo autoritário, firme e permissivo).

A Tabela 15 mostra o resultado do modelo de regressão. O primeiro bloco (Passo 1) predisse apenas 8% da variância da pontuação no ajustamento psicológico, sendo o sexo e a idade dos filhos preditores significativos. Ao adicionar o nível de estudos dos pais (Passo 2), a análise revelou que para além do sexo e da idade do menor, o nível de estudos dos pais constitui um preditor significativo, aumentando para 14% a variância explicada. Finalmente ao incluir no modelo os estilos parentais (passo 3), a variância explicada aumentou para 26%, sendo apenas significativo como preditor o estilo autoritário.

Tabela 15. Análise de regressão dos estilos parentais, variáveis sociodemográficas e ajustamento psicológico dos filhos

			Ajustamento Psicológico			
			ΔR^2	Mudança em F	β	t
Etapa 1	Variáveis	criança	,09	7,15**		
	Sexo				2,14	2,78**
	Idade				-1,60	-3,16**
Etapa 2	Variáveis	Sociodemográficas	,14	9,35**		
	Nível de escolaridade				-1,42	-3,06**
Etapa 3	Variáveis dos	estilos parentais	,26	7,85***		
	Estilo Autoritário				1,88	2,39*
	Estilo Firme				-1,65	-1,96
	Estilo Permissivo				1,08	1,69

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Capítulo 4 – Discussão

Neste capítulo são discutidos os principais resultados obtidos de acordo com os objetivos específicos definidos.

1. Caracterização dos estilos e práticas parentais dos pais

Na amostra recolhida, o estilo parental mais usado foi o estilo firme ($M = 4,20$; $DP = 0,45$), seguindo-se o estilo permissivo ($M = 2,18$; $DP = 0,58$) e por fim o estilo autoritário ($M = 2,13$; $DP = 0,21$).

Estes resultados são semelhantes com outros estudos realizados que mostraram que o estilo parental mais usado é o firme e o menos usado é o permissivo. (Correia, 2009; Costa & Cruz, 2012; Farrel, 2015; Granja, 2009; Winsler, Madigan, & Aquilino, 2005). Também no estudo realizado por Santos e Cruz (2008) com crianças em idade pré-escolar, observou-se que o estilo mais usado frequentemente foi o firme, seguindo-se do autoritário e por fim o estilo permissivo.

Pedro, Carapito e Ribeiro (2015), mostraram no estudo realizado com 2081 indivíduos portugueses (1085 mães e 996 pais) e com filhos dos 3 aos 15 anos, que os pais e mães vêm-se mais como firmes do que permissivos e autoritários, sendo o mesmo prevalente o autoritário, sendo estes resultados congruentes com os resultados obtidos na presente investigação.

De modo a perceber se os estilos parentais diferem consoante as características sociodemográficas dos pais, realizámos contrastes de médias segundo o nível de escolaridade dos pais, sexo dos filhos e idade destes.

Observámos diferenças significativas de tamanho pequeno relativas ao nível de escolaridade dos pais, nomeadamente no estilo firme ($F(2, 149) = 3,73$; $p < ,05$, $\eta^2 = ,05$). Segundo os resultados obtidos, o estilo firme é usado por pais com um nível de escolaridade superior, em comparação com aqueles que têm o ensino básico ou secundário.

Estes resultados estão de acordo com Kobarg e Vieira (2008) que afirmam que um dos fatores que influencia os cuidados parentais e o desenvolvimento infantil é o nível de escolaridade dos pais. O estudo realizado pelos autores, em que compararam as práticas parentais de mães da zona urbana com um nível de escolaridade superior e mães da zona rural com um nível de escolaridade mais baixo, mostrou que as primeiras

valorizavam mais a estimulação da criança, preocupavam-se mais com os cuidados básicos e consideravam importante oferecer às crianças oportunidade de interação, estimulando a explorar o ambiente e brincar. Pelo contrário, as mães da zona rural enfatizavam a disciplina e valorizavam as normas e regras. Também segundo Noller (1994) a baixa escolaridade dos pais estava correlacionada com a maior utilização do estilo autoritário.

O estudo realizado por Kashahu, Dibra, Osmanaga e Bushati (2014), que avaliaram se existe uma relação entre características sociodemográficas, estilos parentais e desempenho académico, mostrou que os pais firmes apresentavam o nível académico mais elevado, incluindo ensino universitário e grau de mestre, enquanto que o estilo autoritário era mais comum nos pais com apenas 8 anos de escolaridade.

Em relação ao sexo dos filhos, neste estudo não foram encontradas diferenças significativas dos estilos parentais usados. Contudo, Mckinney e Renk (2008), constataram os rapazes tinham a perceção de serem alvo de uma parentalidade mais permissiva em comparação com as raparigas. Outro estudo sugere que os pais tendem a ser mais firmes em relação às meninas do que aos meninos, em termos de confiança e abertura de comunicação, enquanto o estilo autoritário é mais utilizado com os meninos (Noller, 1994).

Os resultados da investigação realizada por Kashahu et al. (2014) mostrou que existem diferenças nos estilos parentais baseado no sexo dos filhos, sendo que encontraram o uso de uma alta percentagem do estilo firme nas raparigas, em comparação com os rapazes e o estilo autoritário era mais usado em rapazes do que em raparigas. Contudo, segundo Sampaio (2007) apesar do comportamento parental poder ser influenciado pelo género da criança, nem sempre se encontra uma ligação entre estas duas variáveis.

No que diz respeito a idade dos filhos, observámos uma diferença significativa no estilo autoritário ($F(2, 149) = 7,54; p < .05; \eta^2 = 0,09$), em que este estilo foi menos usado nos filhos mais velhos, em comparação com os filhos mais novos.

Estes resultados também foram encontrados noutras investigações, em que os filhos avaliaram o estilo parental adotado pelos pais, e sugerem que quanto mais velhos os filhos mais percebem os pais como firmes e menos permissivos ou autoritários (Cohen & Rice, 1997). O estudo realizado por Reppold e colaboradores (2002, citados

por Patias, Siqueira & Dias, 2013) refere que as estratégias educativas tendem a modificar-se à medida que os filhos vão crescendo, utilizando menos controlo e supervisão, estimulando mais a autonomia e a independência.

Quando analisámos as diferenças entre os estilos usados pelos pais e pelas mães, não observámos diferenças significativas entre eles, exceto na dimensão Ligação, afeto e apoio mas com um tamanho de efeito pequeno ($F(1, 150) = 5,65; p < 0,05, \eta^2 = 0,04$), em que as mães utilizavam mais esta dimensão do que os pais, dimensão característica do estilo firme.

Thompson e Walker (1989, cit. por Walker, 1999) referem que cada progenitor tem um estilo próprio na interação que estabelece com o filho e que, de forma geral, as mães tendem a envolver-se mais com as crianças, quando comparadas com os pais, o que é condizente com o estilo firme. Os estudos referem que é mais frequente a mãe use o estilo firme, em comparação com o pai, sendo que incentiva o diálogo e exerce mais controlo nos pontos de divergência. As práticas autoritárias, que fazem uso de medidas punitivas na resolução de conflitos e, de forma rígida, impõem valores e regras são raras nas famílias, mas por vezes, essas são atribuídas ao pai (Pacheco, Silveira & Schneider, 2008).

Neste sentido, estudos realizados apontam uma tendência das mães apresentarem práticas parentais mais condizentes com os estilos parentais firme ou permissivo, enquanto os pais tendem a usar mais o estilo autoritário, nomeadamente, quanto às práticas disciplinares (Conrade & Ho, 2001; Grigorenko & Sternberg, 2000; Mckinney & Renk 2008; Winsler et al., 2005).

Contudo, o estudo português realizado por Pedro et al. (2015) mostrou que as mães apresentaram níveis mais elevados no estilo firme, em comparação com os pais, mas que não foram encontradas diferenças no estilo autoritário e no estilo permissivo.

2. Análise da perceção dos pais das capacidades e dificuldades dos filhos

Como segundo objetivo foi definido a análise da perceção que os pais têm das capacidades e dificuldades dos filhos e se estes são diferentes entre pais e mães. Para tal, foi aplicado o Questionário de Capacidades e Dificuldades, adaptado a população portuguesa por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar (2004).

No presente estudo verificámos que os pais percecionam níveis elevados de comportamentos pró-sociais ($M = 8,00$; $DP = 1,89$), em comparação com as outras dimensões, como os sintomas emocionais ($M = 1,93$; $DP = 1,63$), problemas de comportamento ($M = 2,27$; $DP = 1,60$), hiperatividade ($M = 4,15$; $DP = 2,23$) e problemas com colegas ($M = 1,53$; $DP = 1,42$), o que indica que os pais percecionam os filhos como “sensíveis aos sentimentos dos outros”, “partilham facilmente com as outras crianças”, “gostam de ajudar se alguém está magoada”, “é simpático com crianças mais pequenas” e “está sempre pronto a ajudar os outros”. Neste sentido, os pais percecionam os filhos maioritariamente como ajustados psicologicamente.

No que se refere à variabilidade segundo diferentes características sociodemográficas, observámos diferenças significativas segundo o sexo dos filhos, tanto na dimensão hiperatividade ($F(1, 150) = 11,26$; $p <,05$; $\eta^2 =,07$), como no SDQ total ($F(1, 150) = 4,07$; $p <,05$; $\eta^2 =,03$). Em relação à hiperatividade, verificámos que os pais referem mais comportamentos como “distrai-se com facilidade” e “é irrequieto/, muito mexido/a, nunca para quieto/a” nos rapazes do que nas raparigas. No que diz respeito ao SDQ Total, observámos que os pais percecionam um maior nível de dificuldades nos rapazes, do que nas raparigas. Nas outras dimensões não foram encontradas diferenças significativas.

Os resultados obtidos são semelhantes aos estudos que têm vindo a mostrar que existe uma maior incidência de comportamentos hiperativos no sexo masculino (Bibou-Nakou, Kiosseoglou & Stogiannidou, 2002; Holmes et al., 2002; Mieloo et al., 2012; Roy, Groholt, Heyerdahl & Clench-Aas, 2010), que podem atingir valores iguais ou superiores a 14% no sexo masculino, enquanto no sexo feminino pode ir entre 2% a 9% (Fonseca, 1998). Contudo, vários autores defendem que por vezes as raparigas não são diagnosticadas pois não apresentam o mesmo tipo de sintomas, sendo que têm poucos sintomas de agressividade, de impulsividade e de problemas de comportamento (Biederman, Faraone, & Mick, 1999).

Também o estudo realizado por Stivanin, Scheuer e Assumpção (2008) com crianças entre os 4 e os 14 anos, mostrou que os pais percecionam os filhos como tendo mais comportamentos hiperativos do que as filhas, contudo não foi uma diferença significativa; ao contrário da perceção dos professores, que obteve uma diferença significativa na mesma dimensão, onde os meninos apresentavam mais comportamentos de hiperatividade do que as meninas.

Em relação ao nível de dificuldades totais (SDQ Total) encontrados neste estudo, o estudo realizado por Sargisson e Stanley (2016) com 76 crianças em idade escolar, mostrou que tanto os pais como os professores, perceberam diferenças em função do sexo das crianças, identificando mais problemas nos rapazes do que nas raparigas, o que é congruente com os resultados da presente investigação. Estes resultados são semelhantes com os resultados do estudo realizado por Mendes (2015) com crianças portuguesas que mostrou que os rapazes apresentam valores mais elevados na dimensão SDQ Total, de modo significativo, em comparação com as raparigas.

Comparações feitas de acordo com a idade dos filhos, mostraram que existem diferenças significativas nas dimensões hiperatividade ($F(2, 149) = 4,53; p < 0,05; \eta^2 = 0,06$), que é percebida nos filhos mais novos, com idades entre os 2 e os 5 anos; no comportamento pró-social ($F(2, 149) = 3,11; p < 0,05; \eta^2 = 0,04$), em que os pais percebem os filhos mais velhos, com idades entre os 10 e os 13, como tendo mais estes comportamentos; e no SDQ Total ($F(2, 149) = 3,18; p < 0,05; \eta^2 = 0,04$), em que são percebidos mais dificuldades nos filhos mais novos, entre os 2 e os 5 anos.

Em relação à hiperatividade, estudos tem vindo a mostrar que os comportamentos hiperativos tendem a diminuir com a escolarização (Cury & Golfeto, 2003; Stivanin et al., 2008). O estudo realizado por Barriuso-Lapresa, Hernando-Arizaleta e Rajmil (2014) com 6266 crianças espanholas com idades entre os 4 e os 15 anos, mostrou que em relação à hiperatividade, a pontuação diminui com a idade, em que obtiveram os valores mais elevados nas crianças com 4 a 7 anos; em relação ao comportamento pró-social foi possível observar que os valores mais elevados foram encontrados em crianças com idades entre os 8 e os 11; e por fim, o SDQ total, apresentou valores mais elevados nas crianças mais novas, e os valores mais baixos nas crianças mais velhas.

Em relação ao nível de escolaridade dos pais foi possível observar diferenças significativas tanto na dimensão problemas com pares ($F(2, 149) = 5,90; p < 0,05; \eta^2 = 0,07$), como no SDQ Total ($F(2, 149) = 4,56; p < 0,05; \eta^2 = 0,06$). Em relação aos problemas com pares, foi possível verificar que os pais com o nível básico de escolaridade, percebem maior número problemas como “tem tendência a isolar-se”, do que aqueles que apresentam o nível de escolaridade superior. Também os pais com nível básico de escolaridade, percebem em geral mais dificuldades nos filhos, do que aqueles com nível superior ou secundário.

Investigações realizadas apresentam resultados semelhantes ao estudo presente, sendo que foram encontrados que valores nas várias dimensões do questionário das capacidades e dificuldades das crianças variavam consoante o nível de escolaridade dos pais - a dimensão problemas com pares e a dimensão total das dificuldades apresentou valores mais elevados com os pais com nível académico mais baixo, de modo significativo tanto como o nível de escolaridade superior, como o nível intermédio; contudo, também foi encontrado que as dimensões sintomas emocionais, problemas de comportamento e hiperatividade variam consoante esta variável, e tais resultados não foram encontrados neste estudo (Mieloo et al., 2012).

Também o estudo realizado por Davis, Sawyer, Lo, Priest e Wake (2010) com 4968 crianças dos 4 aos 5 anos mostrou que pais que apresentavam 10 anos de escolaridade ou menos, percecionavam mais dificuldades no geral (SDQ Total) e mais problemas com pares, do que aqueles que apresentavam mais de 10 anos de escolaridade.

Ao comparar a perceção que os pais e as mães tiveram das capacidades e dificuldades dos filhos, não foram encontradas diferenças significativas entre ambos nas várias dimensões. Contudo, o estudo realizado por Rodríguez-Hernández et al. (2012) mostrou que os pais e as mães diferem na perceção em algumas variáveis de modo significativo, como na hiperatividade, problemas de comportamento e na escala total de dificuldades, em que os pais percecionaram níveis mais elevados nestas dimensões do que as mães.

3. Análise da relação entre os estilos e práticas parentais com a perceção das capacidades e dificuldades dos filhos

Como terceiro objetivo desta investigação, considerámos pertinente analisar as relações entre os estilos e práticas parentais com a perceção das capacidades e dificuldades dos filhos.

No presente estudo, verificámos que os sintomas emocionais não se encontram correlacionados significativamente com nenhum dos estilos parentais: estilo autoritário ($r = 0,16$; $p >,05$), estilo firme ($r = -0,14$; $p >,05$) e o estilo permissivo ($r = 0,83$; $p >,05$). Contudo, estes resultados não correspondem à literatura encontrada sobre o estudo dos estilos parentais, sendo que estudos mostram que filhos que vivem com pais autoritários têm níveis de depressão mais elevados do que aqueles que vivem com pais de estilo

firme (Joshi, Sharma & Mehra, 2009). No mesmo sentido, os estudos realizados por Liem, Cavell e Lustig (2010) e Jackson e Shemes (2005), mostram que o estilo firme minimiza sintomas depressivos. Segundo Rosli (2014) o estilo parental firme pode afetar a satisfação de vida das crianças, pois a demonstração de carinho e um suporte consistente torna as crianças mais felizes e seguras de si mesmas. Em relação ao estilo permissivo, a literatura defende que este está associado com sintomas emocionais, sendo que este estilo contribui para a depressão nas crianças pois pais com este estilo parental são muito tolerantes com as crianças, o que pode causar confusão sobre aquilo que é bom ou mau.

Deste modo, é considerado que os estilos parentais influenciam o desenvolvimento de sintomas emocionais, em que filhos de pais autoritários possuem pouca habilidade social, baixa autoestima e altos níveis de depressão (Darling, 1999), verificando comportamentos de internalização, como afastamento social, depressão e ansiedade (Oliveira et al., 2002).

O comportamento pró-social foi correlacionado positivamente e de modo significativo com o estilo firme ($r = 0,28$; $p <,01$) e negativamente e significativamente com o estilo permissivo ($r = -0,16$; $p <,05$). Contudo, não foi correlacionado com o estilo autoritário ($r = -0,09$; $p >,05$).

A literatura sugere que o facto dos comportamentos pró-sociais e o estilo firme estarem positivamente relacionados, dá-se, pois, este estilo faz uso de aceitação e responsividade por parte dos pais para com os filhos, o que ajuda estes a desenvolver competências sociais (Kazemi, Ardabili & Solokian, 2010). Assim, verifica-se que o uso deste estilo parental prediz capacidades sociais adaptativas na criança, altos níveis de competência social, comportamento pró-social, regulação emocional, interações positivas com os colegas e menos comportamentos de agressão e delinquência. Pelo contrário, o estilo autoritário mostra-se associado com comportamentos desajustados, tais como agressão, delinquência e afastamento social (Kawabata et al., 2011).

Em relação aos problemas de comportamento estes relacionaram-se positivamente e significativamente com o estilo autoritário ($r = 0,33$; $p <,01$) e com o estilo permissivo ($r = 0,38$; $p <,01$) e negativamente com o estilo firme ($r = -0,26$; $p <,01$). Outros estudos têm vindo a mostrar estas relações, que mostram que o uso de métodos punitivos e um modelo baseado em autoridade tende a relacionar-se com

problemas de comportamentos (crianças mais agressivas, hostis e impulsivas) (Baumrind, 1967; Frick, 1994; Rosli, 2014). O estudo realizado por Oliveira et al. (2002) mostrou que o estilo autoritário está associado com comportamentos de externalização, como a agressão verbal ou física, destruição de objetos e uso de mentiras. Contudo, segundo Baumrind (1967) não é apenas o estilo autoritário que torna os filhos agressivos e hostis, mas também os estilos permissivos devido à falta de disciplina imposta pelos pais.

De acordo com Steinberg, Blatt-Einsengart e Cauffman's (2006), o estilo firme é o melhor para prevenir problemas de comportamento, sendo que o uso deste estilo vai aumentar a probabilidade dos filhos desenvolverem competências sociais, quando comparadas com as outras crianças (Baumrind, 1991).

Assim, é considerado que práticas parentais inadequadas, como uma disciplina ineficaz, falta de atenção e afeto, ausência de disciplina, castigos inconsistentes e prejudiciais ao desenvolvimento, típicos de um estilo parental autoritário, podem desencadear comportamentos agressivos (Pesce, 2009).

A hiperatividade relacionou-se positivamente com o estilo autoritário ($r = 0,35$; $p <,01$) e com o estilo permissivo ($r = 0,26$; $p <,01$) e negativamente com o estilo firme ($r = -0,24$; $p <,01$). Estes resultados são semelhantes àqueles encontrados na literatura que mostram que estilos altamente diretivos e hostis (autoritários) ou excessivamente permissivos reforçam sintomas de hiperatividade e desatenção (Johnston & Mash, 2001). De acordo com Yousefia, Far e Abdolahian (2011, citado por Cardoso, 2015), a maioria das crianças que apresentam traços de hiperatividade, integram um contexto familiar em que os pais adotam um estilo educativo mais controlador, negativo, exigente e crítico (típico do estilo autoritário).

A dimensão problemas com colegas mostrou-se correlacionada negativamente, mas não de modo significativo com o estilo firme ($r = -0,21$; $p >,05$) e com o estilo permissivo ($r = -0,01$; $p >,05$) e positivamente, mas não de modo significativo com o estilo autoritário ($r = 0,09$; $p >,05$). Contudo, um estudo realizado com 259 gémeos monozigóticos, mostrou que o estilo parental firme e a presença de problemas com pares influenciam-se mutuamente, isto é, o estilo firme reduzia problemas com pares e este aumentava a parentalidade firme. Assim, este estudo mostrou que o estilo parental

firme funciona como fator protetor no desenvolvimento de problemas com pares (Shinji et al., 2013).

Por fim, em relação ao SDQ Total, isto é, ajustamento psicológico da criança, este mostrou-se correlacionado de modo significativo com o estilo autoritário ($r = 0,35$; $p < 0,01$), com o estilo permissivo ($r = 0,28$; $p < 0,01$) e de modo significativo e negativamente com o estilo firme ($r = -0,31$; $p < 0,01$).

Estes resultados são semelhantes aos encontrados na literatura que mostram que estilos parentais caracterizados por suporte e afeto (estilo firme), promovem uma maior competência social e cognitiva da criança, maior autoestima, menos problemas de comportamento, melhor desempenho escolar, comportamento pró-social e uma vinculação mais segura (Baumrind, 1991; Michiels, Grietens, Onghena e Kuppens 2010). Pelo contrário, os estilos que recorrem à rejeição e ao controlo (estilo autoritário) estão associados a resultados mais negativos na criança, uma vez que esta tende a manifestar mais problemas de internalização e de externalização, bem como uma vinculação insegura (Brown & Whiteside 2008).

Um estudo português realizado com o objetivo de analisar as associações entre os diferentes estilos parentais mães e a adaptação psicossocial da criança, mostrou que o estilo firme e permissivo materno encontrava-se positivamente associado com a competência social das crianças. Contudo, também o estilo permissivo e o autoritário, mostrou-se positivamente associado com a agressividade. No pai, verificou-se que o estilo permissivo, estava negativamente relacionado com a competência social das crianças; enquanto que o estilo autoritário e permissivo do pai, encontrava-se positivamente relacionado com a agressividade (Freitas, 2012).

Conclusões

Os estudos realizados acerca dos estilos parentais são de grande relevância, pois envolve a família, e conseqüentemente toda a sociedade através das repercussões que esta tem no desenvolvimento dos filhos, sendo que o modo mais adequado de se educar e de se relacionar com os filhos tem sido intensamente estudado nas últimas décadas.

Ao se estudar os estilos parentais de pais e mães e como estes se relacionam com a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos, tendo em consideração diferentes variáveis relacionadas com os pais e com os filhos, vai ajudar a entender cada vez mais a dinâmica familiar.

Os resultados obtidos, uns esperados de acordo com a literatura existente, outros que à partida não se sabia que se relevariam, todos eles vão contribuir para um maior conhecimento na área da parentalidade, pois sendo esta uma área complexa, todos os estudos que procurem perceber as relações entre diversas variáveis envolvidas na parentalidade, vão ajudar a encontrar novos caminhos a seguir.

a) Limitações

Em relação às limitações do estudo, encontrasse a homogeneidade da amostra recolhida. Ou seja, o facto desta ser constituída maioritariamente por casais casados e famílias intactas, pode de algum modo restringir os resultados, sendo que seria interessante incluir no estudo mais casais divorciados, em que ambos respondessem ao questionário, e perceber de que forma esta dinâmicas influenciariam os estilos parentais usados e se alteraria a percepção que estes têm das dificuldades dos filhos.

Por outro lado, a maioria dos casais que respondeu encontra-se na região sul, nomeadamente, Algarve, o que não representa de todo a população portuguesa. Uma maior variabilidade na amostra permitiria a obtenção de dados mais diversificados e poderiam assim surgir diferenças nos padrões educativos que, deste modo, poderão ter ficado diluídos na homogeneidade da amostra.

Uma segunda limitação identificada prende-se pela recolha de informação, ou seja, os questionários utilizados (Questionário de estilos e dimensões parentais e Questionário das capacidades e dificuldades), por dois motivos. O primeiro diz respeito ao nível elevados de desejabilidade social que ambos apresentam, o que pode influenciar as respostas dos pais no sentido daquilo que é considerado socialmente aceite, principalmente em relação ao questionário dos estilos parentais. O outro aspeto, é o facto destes terem sido respondidos apenas a partir da percepção dos pais, sem que fosse

feita uma observação ou uma aplicação dos questionários aos filhos, de modo a perceber se aquilo que foi respondido corresponde à realidade. Isto porque, segundo Cruz (2005, p.197), refere que as respostas e ideias expressas através do preenchimento de questionários, por vezes, não passam de respostas socialmente desejáveis. Ou seja, os dados recolhidos na investigação podem não transmitir a realidade, mas sim a perceção dos pais acerca dessa realidade, o que pode produzir um grande enviesamento.

b) Futuras investigações

Como sugestões para futuras investigações, seria interessante incluir dados qualitativos no estudo com entrevistas aos casais que permitissem aprofundar dimensões que os instrumentos quantitativos não possibilitam obter, não deixando de cruzar os dados qualitativos com os quantitativos.

Apesar das limitações citadas, o estudo realizado permitiu lançar algumas pistas de intervenção e de prevenção na área da parentalidade. No que respeita à intervenção com famílias, é importante que os terapeutas tenham conhecimento das implicações que os diferentes estilos e práticas parentais, associados com diferentes variáveis, podem desempenhar no desenvolvimento das crianças. Assim, poderão ter uma perspectiva mais abrangente e ecológica da parentalidade.

Do ponto de vista preventivo, seria interessante e uma mais valia para a promoção de práticas parentais saudáveis, uma aposta na formação parental que iria beneficiar não apenas os pais, que poderiam trocar experiências entre si e perceber que há dúvidas e dificuldades presentes em todas as famílias, como também benéfico para os filhos que, como consequência, poderão vivenciar uma infância com melhores níveis de ajustamento psicológico e social.

Esta intervenção feita com os pais, vai possibilitar que estes adquiram conhecimentos específicos e competências que vão permitir promover o desenvolvimento e competência nos seus filhos. Segundo Reppold e colaboradores (2002) a intervenção com os pais, vai trazer um grande benefício para as famílias, pois vai melhorar as atividades parentais e aumentar a coesão familiar. Assim, os pais precisam ter acesso ao conhecimento de práticas educativas que sejam eficazes para criar e manter um repertório de comportamentos adequados, desenvolver habilidades sociais e manter uma dinâmica familiar com muito afeto positivo.

Em suma, este estudo pretende que seja mais um contributo no avanço da compreensão das dinâmicas familiares, na área da parentalidade, com pistas para a

realização de novas investigações e de modo a contribuir para uma prática preventiva e interventiva com os pais e seus filhos.

Referências Bibliográficas

- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A. T., Brandão, T., Cruz, O., Gaspar, M. F. et al. (2010). Avaliação de intervenções de educação parental. *Relatório 2007-2010*. Comissão Nacional de Crianças e Jovens em Risco.
- Aunola, K., Nurmi, J. (2005). The Role of Parenting Styles in Children's Problem Behavior. *Child Development*, 76 (6), 1144-1159.
- Aunola, K., Stattin, H. & Nurmi, J. E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222.
- Barriuso-Lapresa, L., Hernando-Arizaleta, L., Rajmil, L. (2014). Valores de referencia de la versión para padres del Cuestionario de Capacidades y Dificultades (SDQ) en población española (2006). *Actas Esp Psiquiatr*, 42(2), 43-8.
- Barroso, R. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52 (1), 211-229
- Baumrind, D. & Black, A. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, 38, 291-327.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behaviour. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The Journal of Early Adolescence*, 11, 56-95
- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: contemporary issues. *Aggression and Violent Behavior*, 2, 321-335.
- Bibou-Nakou, I., Kiosseoglou, G., & Stogiannidou, A. (2002). Strengths and difficulties of school-aged children in the family and school context. *Psychology: The Journal of the Hellenic Psychological Society*, 8, 506-525.
- Biederman J, Faraone SV, Mick E. (1999). Clinical correlates of ADHD in females: findings from a large group of girls ascertained from pediatric and psychiatric referral sources. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*, 38, 966-967.
- Bradley, R.H. (2007). Parenting in the breach: How parents help children cope with developmentally challenging circumstances. *Parenting: Science & Practice*, 7, 99-148.
- Bronte-Tinkew, J., Moore, K. & Carrano, J. (2006). The father-child relationship, parenting styles, and adolescent risk behaviors in intact families. *Journal of Family Issues*. 27 (6), 850-881.
- Brown, A.M.; Whiteside, S.P. (2008) Relations Among Perceived Parental Rearing Behaviors, Attachment Style, and Worry in Anxious Children. *Anxiety Disorders* 22, 263-72.
- Calafat, A., García, F., Juan, M., Becoña, E. & Fernández-Hermida, J. (2014). Which parenting style is more protective against adolescent substance use? Evidence within the European context. *Drug and Alcohol Dependence*, 138, 185-192
- Cardoso, C. (2015). *Os estilos educativos parentais e a hiperatividade em crianças do 1º ciclo do ensino básico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.
- Cecconello, A., Antoni, C., Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, número especial, 45-54.

- Cohen, D. & Rice, J. (1997). Parenting styles, adolescent substance use and academic achievement. *J Drug Educ*, 27 (2), 199-211
- Conrade, G. & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for father and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53 (1), 29-35.
- Conte, F. (2001) Promovendo a Relação entre Pais e Filhos. In Delitti, M., (Org.) *A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (volume 2). São Paulo: Arbytes.
- Correia, F (2009). *Estilos educativos parentais: influencia sobre as capacidades e dificuldades de crianças em idade escolar*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Costa, F., Teixeira, M. & Gomes. (2000). Responsividade e Exigência: Duas escalas para avaliar os estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Críticas*, 13 (3).
- Costa, S.& Cruz, O. (2012). Atitudes e estilos educativos parentais em mães de crianças com processo de promoção e proteção. *Revista AMAzônica*, VIII (1), 310-337.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto
- Cury, C. R. & Golfeto, J. H. (2003). Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): A study of children in Ribeirão Preto. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25(3), 139-145.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993) Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487 – 496
- Darling, N. (1999). Parenting style and its correlates. Disponível em: <http://www.ericdigests.org/1999-4/parenting.htm>
- Davis, E., Sawyer, M., Lo, S., Priest, N., & Wake, M. (2010). Socioeconomic Risk Factors for Mental Health Problems in 4-5-Year-Old Children: Australian Population Study. *Academic Pediatrics*, 10 (1), 41-47
- Farrel, G. (2015). *The Relationship Between Parenting Style and the Level of Emotional Intelligence in Preschool-Aged Children*. Dissertation Thesis, Philadelphia College of Osteopathic Medicine, US.
- Figueiredo, C. & Dias, F. (2012). Families: Influences in children's development and behavior, from parents and teacher's point of view. *Psychology Research*, 2 (12), 639-705
- Fonseca, A. (1998). Problemas de atenção e Hiperactividade na criança e no adolescente: questões e perspectivas actuais. *Revista Psicologia*, 19.
- Freitas, C. (2012). *Estilos Parentais e a Adaptação Psicossocial da Criança ao Pré-Escolar*. Tese de Dissertação. ISPA - Instituto Universitário, Portugal.
- Frick, J. (1994). Family dysfunction and the disruptive behavior disorders: A review of recent empirical findings. *Advances in Clinical Child Psychology*, 16, 203-226.
- Gallarín, M. & Alonso-Arbiol, I. (2012). Parenting practices, parental attachment and aggressiveness in adolescence: a predictive model. *Journal of adolescence*. 35 (6), 1601-1610.
- Garcia, F. & Garcia, E. (2014). The indulgent parenting style and development outcome in south european and latin american countries. Science across cultures: the history of non-western science. *Parenting across cultures*, 7, 419-433.
- García, F., Gracia, E., 2009. Is always authoritative the optimum parenting style? Evidence from Spanish families. *Adolescence* 44, 101–131.
- Goleman, D. (1995). Emotional intelligence. why it can matter more than IQ. New York: Bantam Books.

- Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ). *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 40, 1337-1345.
- Granja, B. (2009). *Os estilos parentais, o stress parental e as estratégias de coping da criança com asma*. Dissertação não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Grigorenko, E. L. & Sternberg, R. J. (2000). Elucidating the etiology and nature of beliefs about parenting styles. *Developmental Science*, 3 (1), 93-112.
- Grolnick, W. & Ryan, R. (1989). Parent styles associated with childrens self-regulation and competence in school. *Journal of adolescence*, 81 (2), 143-154.
- Grych, J., Jouriles, E., Swank, P., McDonald, R. & Norwod, W. (2000). Patterns of adjustment among children of battered woman. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68 (1), 84-94.
- Hoeve, M., Dubas, J., Eichelsheim, V., Laan, P., Smeenk, W. & Gerris, J. (2009). The Relationship Between Parenting and Delinquency: A Meta-analysis. *J Abnorm Child Psychol*, 37, 749–775
- Hoghugh, M. (2004) Parenting: an introduction. In Hoghugh, M. & Long, N. (2004), *Handbook of Parenting: theory and research for practice*. Disponível em: http://books.google.pt/books?id=idNLe4mTFZkC&pg=PA1&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false
- Holmes J, Payton A, Barrett J, Harrington R, McGuffin P, Ollier W, et al. (2002). Association of DRD4 in children with ADHD and comorbid conduct problems. *Am J Med Genet*, 114, 150-153.
- Ingberman, K. (2001). Terapia comportamental com famílias. In Delitti, M., (Org.) *A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental*. Santo André: Esetec.
- Jackson, P., & Schemes, R. (2005). Single mother's self-efficacy, parenting in the Home Environment and children development in a two way study. *Social Work Research*, 29 (1), 7-20.
- Johnston, C., & Mash, E. J. (2001). Families of children with attention-deficit/hyperactivity disorder: review and recommendations for future research. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 4 (3), 183-207.
- Johnston, C., & Mash, J. (2001) Families of children with attention-deficit/hiperavtivity disorder: review and recommendations for future research. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 4 (3), 183-207
- Joshi, L., Sharma, M., & Mehra, K. (2009). Depression among adolescents: Role of self efficacy and parenting style. *Journal of Psychology & Mental Health*, 16, 13- 17.
- Kashahu, L., Dibra, G., Osmanaga, F. & Bushati, J. (2014). The Relationship Between Parental Demographics, Parenting Styles And Student Academic Achievement. *European Scientific Journal*, 10 (13), 237-251
- Kawabata, Y., Alink, L., Tseng, W. & Ijzwndoorn, C. (2011). Maternal and paternal parenting styles associated with relational aggression in children and adolescents: A conceptual analysis and meta-analytic review. *Developmental Review*, 31 (4) 240–278.
- Kazemi, A, Ardabili, E., & Solokian, S. (2010). The association between social competence in adolescents and mothers' parenting style: A cross sectional study on Iranian girls. *Children, Adolescents, and Social Work Journal*, 27, 395-403.
- Knutson, J. F., & Schartz, H. A. (1997). Physical abuse and neglect of children. In Widiger, T. A., Frances, A. J., Pincus, H. A., Ross, R., First, M. B., & Davis, W

- (Eds.), *DSM-IV Sourcebook Volume 3* (pp. 713-804). Washington, D. C.: American Psychiatric Association Press.
- Knutson, J. F., DeGarmo, D. S., & Reid, J. B. (2004). Social disadvantage and neglectful parenting as precursors to the development of antisocial and aggressive child behavior. Testing a theoretical model. *Aggressive Behavior, 30*, 187-205.
- Kobarg, A. P., & Vieira, M. (2008). Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e crítica, 21* (3), 401-08.
- Kohn, M. (1976). Social class and parental values: another confirmation of the relationship. *American Sociological Review, 41*, 538-548.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development, 62*, 1049-1065.
- Liem, H., Cavell, C., & Lustig, K. (2010) The influence of authoritative parenting during adolescence on depressive symptoms in young adulthood: Examining the mediating roles of self-development and peer support. *The Journal of Genetic Psychology, 171*, 73-92.
- Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology, 51*, 1-27.
- McKinney, C. & Renk, K. (2008) Differential Parenting Between Mothers and Fathers Implications for Late Adolescents. *Journal of Family Issues. 29* (6), 806-827.
- McLloyd, V. C., & Wilson, L. (1992). Telling them like it is: The role of economic and environmental factors in single mothers' discussions with their children. *American Journal of Community Psychology, 20*, 419-444.
- Mendes, J. (2015). *Problemas de Comportamento: O papel das memórias emocionais negativas, os medos da compaixão e a relação com os pares*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior Miguel Torga, Portugal.
- Michiels, D.; Grietens, H.; Onghena, P.; Kuppens, S. (2010). Perceptions of Maternal and Paternal Attachment Security in Middle Childhood: Links with Positive Parental Affection and Psychosocial Adjustment. *Early Child Development and Care, 180* (1-2), 211-25.
- Mieloo, C., Raat, H., Oort, F., Bevaart, F., Vogel, I., Donker, M. & Jansen, W. (2012). Validity and reliability of the strengths and difficulties questionnaire in 5-6 year olds: differences by gender or by parental education?. Disponível em: doi:10.1371/journal.pone.0036805
- Miguel, I., Valentim, J. & Carugati, F. (2009). Questionário de estilos e dimensões parentais – versão reduzida: adaptação portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – short form. *Psychologica, 51*, 169-188.
- Milevsky, A., Schlechter, M., Netter, S., & Keehn, D. (2007). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self-esteem, depression and life-satisfaction. *Journal of Children & Family Studies, 16*, 39-47.
- Miller, N. B., Cowan, P. A., Cowan, C. P., & Hetherington, E. M. (1993). Externalizing in preschoolers and early adolescents: A cross-study replication of a family model. *Developmental Psychology, 29* (1), 3-18.
- Mondi, E. (2008) Práticas Educativas Parentais e Seus Efeitos Na Criação Dos Filhos. *Psicol. Argum., 26*(54), 233-244
- Noller, P. (1994). Relationships with parents in adolescence: Process and outcomes. In: R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Orgs.), *Personal relationships during adolescence* (37-77). Thousand Oaks, USA: Sage.

- O'Connor, T. (2006). The persisting effects of early experiences on psychological development. In D. Cicchetti & D. Cohen, *Developmental psychopathology* (202-234). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15, 1-11.
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15, 1-11.
- Pacheco, J. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 117-126.
- Pacheco, J., Silveira, L. & Schneider, A., (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos soba perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39 (1), 66-73
- Patias, N., Siqueira, A. & Dias A. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Psicologia da Saúde*, 21 (1), 29-40.
- Pedro, M., Carapito, E., Ribeiro, T. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Versão Portuguesa de Autorrelato. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 28 (2), 302-312
- Pesce, R. (2009). Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. *Ciência & Saúde Colectiva*, 14 (2), 1-14.
- Pettit, G. (2002). Parenting and the Development of Children's Peer Relationships. In Bornstein, M (2002), *Handbook of Parenting* (Cap. 11). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Portela, R. (2010). *Caracterização de uma lista de espera de crianças e adolescentes para a consulta de psicologia de um centro de saúde*. Tese de Dissertação em Psicologia. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Reader, P., Duncan, S., & Lucey, C. (2005). *Studies in the assessment of parenting*. Florence: Routledge.
- Reppold, C. T. (2001). *Estilo parental percebido e adaptação psicológica de adolescentes adotados*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M. & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (9-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. & Hart, C. (1995). Authoritative, authoritarian and permissive parenting practices: development of a new measure. *Psychological Reports*, 77, 819-830.
- Rodrigo, M. J. & Palacios, J. (1998). *Familia y desarrollo humano*. Madrid: Alianza.
- Rodríguez-Hernández, P., Betancort, M., Ramírez-Santana, G., García, R., Sanz-Álvarez, E., & Cuevas-Castresana., C. (2012). Psychometric properties of the parent and teacher versions of the Strength and Difficulties Questionnaire (SDQ) in a Spanish sample. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 12 (2), 265-279.

- Rosli, N. 2014. *Effect of Parenting Styles on Children's Emotional and Behavioral Problemas Among Different Ethnicities of Muslim Children in the U.S.* Dissertations. Marquette University.
- Roy, B., Groholt, B., Heyerdahl, S. & Clench-Aas, J. (2010). Understanding discrepancies in parent-child reporting of emotional and behavioural problems: Effects of relational and socio-demographic factors. Disponível em: DOI: 10.1186/1471-244X-10-56
- Russell, A., Aloa, V., Feder., T., Glover, A., Miller, H. & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50, 89-99.
- Sampaio, I. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: Atualização. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 17 (2), 144-152.
- Santos, S. & Cruz, O. (2008). Questionário de Estilos Educativos. In A.P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, Sara Martins & V. Ramalho (Coord.), *Avaliação Psocologica: Formas e Contextos – Actas*. Braga: Psiquilíbrios Edições
- Sargisson, R. & Stanley, P. (2016). Multi-informant scores and gender differences on the Strengths and Difficulties Questionnaire for New Zealand children. *New Zealand Journal of Psychology*, 45 (2), 4-12.
- Saur, A. & Loureiro, S. (2012). Qualidades psicométricas do questionário de capacidades e dificuldades: revisão da literatura. *Estudos de Psicologia*, 29 (4), 619-629.
- Schaffer, M., Clark, S., & Jeglic, E. L. (2009). The role of empathy and parenting style in the development of antisocial behaviors. *Crime & Delinquency*, 55, 586-599.
- Shaffer, D. (2005). Developmental psychology: childhood and adolescence. *São Paulo: Pioneira Thomson Learning* (pp. 60-64)
- Spinrad, T. L., Eisenberg, N., Harris, E., Hanish, L., Fabes, R. A., Kupanoff, K., & Julie, H. (2004). The relation of children's everyday nonsocial peer play behavior to their emotionally, regulation, and social functioning. *Developmental Psychology*, 40, 67-80.
- Steinberg, L., Blatt-Eisengart, I. & Cauffman, E. (2006). Patterns of Competence and Adjustment Among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent and Neglectful Homes: A Replication in a Sample of Serious Juvenile Offenders. *Journal of Research on Adolescence*, 16 (1), 47-58
- Stivanin, L., Scheuer, C. & Assumpção, F. (2008). SDQ (Strengths and Difficulties Questionnaire): identification of children readers behavioral characteristics. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 24 (4) Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722008000400003>
- Stonem, L., Otten, R., Engels, RC., Vermulst, A. & Janssens, M. (2010). Psychometric properties of the parental and teacher versions of the strengths and difficulties questionnaire for 4 to 12 years old. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 13, 254-274
- Teixeira, M. & Lopes, F. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, (22), 51-62.
- Teixeira, M., Oliveira, A., e Wottrich, S. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): Avaliando Dimensões de Práticas Parentais em Relação a Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 433-441
- Trenas, R., Cabrera, H., Osuna, P. (2008). Parenting styles and their relationship with hyperactivity. *Psicotherma*, 20 (4), 691-696

- Veríssimo, M. & Cardoso, J. (2013). Estilos Parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 4 (XXXI), 393-406.
- Walker, A. J. (1999). Gender and Family Relationships. In M. B. Sussman, S. K. Steinmetz & G. W. Peterson (2nd Ed.). *Handbook of marriage and the family* (Cap. 16). New York: Plenum Press.
- Weber, L. N. D., Biscaia, P., Paivei, C. A. & Galvão, A. (2002). A relação entre o estilo parental e o stress infantil. [Resumo]. Em Conselho Regional de Psicologia do Paraná, Psicologia em Conexão, X Encontro Paranaense de Psicologia, Curitiba.
- Weber, L., Prado, P., Viezzer, A. & Brandenburg, O. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 323-331
- Weber, Lidia., Selig, Gabrielle., Bernardi, Marcela., Salvador, Ana. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações – transmissão intergeracional dos estilos parentais. *Paidéia*, 16 (35), 407-414
- Weiss, L. H., & Schwarz, J. C. (1996). The relationship between parenting types and older adolescents' personality, academic achievement, adjustment, and substance use. *Child Development*, 67 (5), 2101-2114.
- Winsler, A., Madigan, A. & Aquilino, A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20, 1-12.